ANO 18.º QUINTA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 1938 N.º 5530

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SÁ
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

POR terem indiscutivel importancia não queremos deixar de arquivar as palavras que o sub-secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros da Inglaterra, Butler, pronunciou ontem no Parlamento inglês, e que fôram transmitidas pela Reuter ao nosso colega «Diario de Noticias». Referem-se á aliança anglo-britanica, e fôram proferidas em resposta á seguinte pregunta do deputado trabalhista Bellenger: «Que obrigações contratuais existem entre a Grã-Bretanha Portugal? Qual o instrumento diplomatico que estabelece essas obrigações? No capitulo «determinada: circunstancias» em que actuarão as fôrças armadas britanicas na defesa do territorio estrangeiro, estão incluidas as possessões portuguesas de além-mar?».

Eis a afirmação de Butler:

— «As nossas obrigações para com Portugal são fixadas em tratados firmados nos anos de 1373, 1386, 1642, 1654, 1660, 1661 e 1703, os quais fôram posteriormente confirmados pelo artigo 3.º do tratado de 22 de janeiro de 1815, declaração de 14 de outubro de 1899, e acôrdos de arbitragem de 16 de novembro de 1904 e de 16 de novembro de 1914».

Butler acrescentou que alguns instrumentos diplomaticos «se referem especialmente ás possessões ultramarinas de Portugal».

— Na hipotese de ser este um dos casos em que a Inglaterra poderá ser levada ao emprêgo da sua força armada — observou o deputado trabalhista — e datando estes tratados de 1373, não seria este o momento propicio para os actualizar?

Respondeu o sub-secretario de Estado:

— Estes tratados fôram confirmados, «no todo», em 1899, e o prcambulo do tratado com Portugal, conhecido pelo tratado de Windsor (D. Carlos) é bem claro quanto á sua validade».

Estas afirmações categoricas são das que ficam fazendo historia.

* * *

FAZ hoje 89 anos que nasceu o saudoso escritor e jornalista Alberto Pimentel, que deixou mais de 200 volumes interessantes. Iniciou — com o «Romance dum romancista», «O torturado de Seide» e «A primeira mulher de Camilo» — o culto camilianista. Entre outros livros notaveis, escreveu «A Princesa de Boivão», «O Arco de Vandôma» e «As amantes de D. João V». Alberto Pimentel e Julio Cesar Machado fôram os dois grandes folhetinistas do seu tempo, tendo publicado os seus apreciados trabalhos no «Diario de Noticias» e no «Seculo».

* * *

COMEÇOU ontem a publicar-se o «Jornal da Figueira», que aparecerá ás quartas e sabados. E' dirigido pelo sr. dr. J. da Silva Ribeiro. Propõe-se uma caracteristica regional, alheia a propositos de ideologia politica, e de sentimento patriotico. Desejamos-lhe longa vida.

JESUS

Estamos na Paixão — a unica que se repete anualmente e nunca envelhece. A historia de Jesur conta-se todos dias e, por mais que se conte, o tempo não lhe tira a novidade.

O homem fatiga-se de tudo e de si proprio: o tedio, como um coveiro que canta uma canção de amor, enquanto funda sepulturas para «os que hão-de vir», mina os corações, embora pareça deleitá-los ou consentir-lhes um doce dormir. A nossa natureza vive na insatisfação, pois não consegue, um segundo que seja, ser plena e perfeita: sente ameaças por todos os lados — o êrro contra a verdade, o mal contra o bem, a doença contra a saude, a desventura contra a felicidade, a corrupção contra a inocencia.

Porque não aceitamos o nosso destino fugindo das inquietações que nascem tanto dos nossos pensamentos como dos nossos desejos?

Isso seria uma solução, se nós pudessemos tolerá-la, talqualmente os cães aceitam a coleira ou os cativos a grade que os separa do mundo. Impossivel, porém, a calma, o repouso, a imobilidade para a consciencia humana que não conhece maneira nem meio de sepultar-se no torpôr, na resignação fatalista ou no desespêro absoluto. Como o Judeu Errante, ela caminha sempre — na duvida, na certeza, na dôr, no saber, no sacrificio, na castigo e na recompensa. Não ha muro que a ampare nem esperança que a detenha.

Que busca ela?

Eis o significado da Paixão: encerra uma resposta a esta pregunta, formulada, angustiadamente, no amargo crepusculo das ansiedades terrenas e mortais. Ou o homem ha-de consumir-se eternamente, á procura do nada, como as pedras que rolam até se gastarem ou então, sobrepondo-se ás fatalidades que o espreitam e seguem, arrancará dos seus gritos, das suas contradições, dos combates intimos que o despedaçam, dos golpes que o atingem, a vida que — diamante polido pela desgraça — se desembaraça de quantas escorias lhe comem o brilho.

Acaso o fogo não tempera o ferro?

A lealdade não resiste á traição que a namora para a perder?

Eis o caso na sua simples e total crueza: se só de terra sômos feitos, para que havemos de elevar-nos acima da nossa triste condição? Sonhar, pressentir o misterio, imaginar roteiros para além das limitações, aventurar-se á descoberta do inominado, não é lançar a nossa pobreza na sedução de tesouros que as mãos ávidas jámais alcançam?

Jesus, vendo que as fôrças humanas, quais frageis velas rotas de barco desmantelado, derivavam da tormenta para o naufragio, interveio piedosamente, na hora em que era necessario redimir e não condenar. Vestiu-se da nossa miseria, a-fim-de lhe restituir o maior dos seus haveres perdidos — a liberdade.

Como é que a humanidade ia comportar-se perante a oferenda divina?

Satan amotinou as hipocrisias, os interesses criados, os odios fanaticos e vesgos, suscitando coleras na turba ebria, conduzida por agentes provocadores. Erqueu-se a Cruz e Jesus expirou nela, ultrajado, escarnecido na propria imortalidade do seu amor que transfigurara as almas, livrando tambem os corpos da sua secular indignidade.

A mentira julgou triunfar. A crueldade bradou:

— Desfaço as leis que Deus fez!

O cadaver de Jesus — imagem viva de tudo que dura — ficou a garantir uma obra incorruptivel que escapa aos tiranos, aos vendilhões, aos soberbos, aos blasfemos e aos profanadores. Quando o homem, caído na ruína e no desprêso, reconhece o irremediavel da sua aventura, vergado sob a pesada carga do desconfôrto moral, surge ainda uma derradeira luz na escuridão: Deus abre os braços dizendo-lhe:

— Na tua queda, te salvaste!

Se a semente sobrevive á seara e a raíz á floresta, o Evangelho, com muito maior razão, supera a critica que o discute.

Quantas voltas dermos para o abandonarmos, tanto mais apertadamente nos envolvemos nele. Jesus está no nosso ser, como confirmação ou negação: se chamamos por ele, acode-nos, se nos desobrigamos da sua presença, o desamparo inquieta-nos, traduzindo a imensidade da sua ausencia.

A Paixão recorda-o, reacende-o na perenidade do seu exemplo: eco imperecivel do sofrimento, que era dos homens e sem remedio, e que a Cruz adoptou, tornando-o seu, isento de maculas, para honra e gloria das gerações.

O «BOLETIM Comercial» do ministerio dos Negocios Estrangeiros publicou, no seu ultimo numero, um extracto do longo e cuidadoso relatorio do nosso consul em Marselha, dr. José Augusto de Magalhães, sobre o comercio luso-francês por aquele porto.

Por ele, em 1936, fôram importadas 6.494 toneladas de produtos portugueses. No ano ultimo só de perites portuguesas entraram por Marselha 9.081 toneladas, em relação a 7.340 da Italia e 3.078 da Espanha.

«Nenhuma participação, diz o distinto funcionario, se regista de Portugal em 1937, nas importações de laranjas, figos, nozes, amendoas, e os ananazes dos Açôres que aqui se vendem são importados através dos portos do Atlantico, á alta de navegação directa daquelas ilhas».

A respeito de questões de turismo o dr. José Augusto de Magalhães, depois de preconizar uma util e bem dirigida propaganda em Marselha e no Egipto em favor de Portugal, pregunta se os nossos mais confortaveis hoteis estarão em ligação com os melhores de Marselha, Nice, Cannes e Cairo, convencido de que tal ligação grandes vantagens encerraria para o turismo português.

* * *

MAURICE Chevalier e Minstinguett, dois afamados artistas de «music-hall» de renome mundial, trabalharam juntos durante anos.

Ha muito tempo, porém, que a amizade sincera que os unia, se quebrou. Evitavam-se; não chegaram a romper.

E porquê?

Por causa de uma canção que interpretavam juntos, criada por Chevalier, e que o seu antigo par chamou a si, alterando-a um pouco.

Entre artistas, e até na nossa terra, as divergencias, as inimizades têm quasi sempre por origem — uma canção, um papel, um numero.

Mas lá dizia Mistinguett: as canções passam e as amizades ficam.

Encontraram-se ha dias numa festa de beneficencia organizada por Maurice e para a qual, a mêdo, foi convidada Mistinguett. E ela vem. Chevalier esperou-a no «hall».

— Gostei imenso que tivesses vindo...

— E eu, eu tambem...

Um sorriso — pazes feitas.

Da canção já nem o publico se lembra.

* * *

NO «Bagé» que, hoje, seguiu para os portos do norte, passou em Lisboa, onde se demorou algumas horas com os seus amigos, o ilustre poeta e distinto diplomata brasileiro dr. Osorio Dutra, até ha pouco secretario do Serviço de Cooperação Intelectual, do ministerio das Relações Exteriores. O dr. Osorio Dutra vai ocupar o consulado do Brasil, no Havre.

BANQUETES DE HOMENAGEM

Ao coronel Pestana Lopes

De iniciativa dum grupo de amigos do coronel Pestana Lopes, realiza-se no proximo dia 30, pelas 20 horas, na sala de chá do Café Chave de Ouro, um jantar de homenagem a este ilustre oficial, recentemente passado á reserva por motivo de saude, homenagem que lhe é prestada pelas suas altas qualidades civicas e militares e pelos seus muitos e relevantes serviços á Patria e á situação.

A comissão de honra é constituida pelos srs. general Farinha Beirão, comandante da G. N. R.; general José Vicente de Freitas, comandante da E. M.; coronel Passos e Sousa, 2.º comandante geral da G. N. R.; major Amaral, 2.º comandante do B. 2 da G. N. R.; Alberto Mira Mendes, director geral da Assistencia Publica e dr. Antonio Ribeiro, conservador do Registo Predial. A inscrição acha-se aberta no Café Chave de Ouro.

Ao professor André Navarro

Em virtude de varios exportadores e numerosos amigos terem manifestado á direcção do Gremio do Comercio de Exportação de Frutas o desejo de tomarem parte no jantar de homenagem que aquela direcção tencionava oferecer ao sr. professor André Navarro, director do Instituto Superior de Agronomia, por ter cessado as suas funções de delegado do Governo junto daquele organismo, foi resolvido que não tivesse caracter intimo e fôsse de maior latitude.

Assim, as inscrições para o mesmo podem ser aceites na secretaria do Gremio do Comercio de Exportação de Frutas, na rua Eugenio dos Santos, n.º 89, telefones 2 7179 e 2 7289.

Falange espanhola feminina de Lisboa

Infórma-nos a delegada em Portugal da Falange Espanhola Tradicionalista e de las Jons de que a inscrição de filiadas na secção feminina está aberta, na Casa de Espanha (entrada pela travessa do Salitre), todos os dias uteis, excepto aos sabados, das 17 ás 19 horas. As pessoas residentes fóra de Lisboa que queiram inscrever-se pelo correio devem mandar 1$40 em selos, como donativo minimo e para pagamento do porte da resposta.

MOBILIAS DA GRANJA

TAPETES E ESTOFOS. OS MAIS BELOS MODELOS POR PREÇOS QUE NÃO ADMITEM COMPARAÇÃO EXPOSIÇÕES PERMANENTES. **Calçada do Sacramento 6 (ao Chiado) — LISBOA**

Para Tectos e Tabiques
EMPREGUEM
METAL DISTENDIDO
FABRICO NACIONAL
Casa Lino--R. Bacalhoeiros, 113-115
Telef. 2 1374|5 LISBOA Teleg. Onil

MIMOSAS

Enchem-se agora os campos de mimosas, alegrando a vista e embelezando a natureza, prodiga de encantos nesta quadra da Primavera. Tambem Lisboa, em pleno Bairro da Mouraria, se encheu de encantos com a Sapataria Mimosa, estabelecimento moderno, alegre, primaveril, que veio dar á velha Rua do Arco do Marquês de Alegrete a ternura da sua graça, o conforto do seu recheio e a utilidade dos seus preços, ao alcance de todas as bolsas, apezar do luxo inegavel das suas instalações.

E as amendoas, as finissimas amendoas que toda a gente aprecia nesta quadra de Pascoa que estamos passando foram assim oferecidas pela Sapataria Mimosa aos moradores da velha Mouraria, que viram o seu bairro dotado dum elegante estabelecimento, onde todos, duma maneira geral, são servidos a completo contento.

Assim o publico saiba corresponder ao louvavel esforço dos seus proprietarios. Mas disso não temos nós duvida, a avaliar pela enorme concorrencia que a Sapataria Mimosa teve no dia da sua inauguração.

Agradecimento

Ao Ex.mo Sr. Dr. Jorge Monjardino

Brazilina Baptista Pereira Jacob, pensionista da Maternidade Dr. Alfredo Costa, agradece muito reconhecida ao eminente operador, o carinho e proficiencia com que a operou, terminando-lhe com o doloroso sofrimento de longos meses, e restituindo-lhe a perdida saude, numa operação tão melindrosa e dificil, que afamados cirurgiões tinham considerado impossivel a sua realização, e inutil a tentativa.

Agradece igualmente aos distintos medicos os Ex.mos Srs. Drs. Anibal Cardoso e Cunha, e Luiz Leite, a sua muito dedicada assistencia.

Creiam-me todos eternamente gratissima.

A primeira Casa do Mundo

Sortido enorme em meias, cores da moda, seda, a 7$50! Casanova, Camisaria. R. da Palma, 69. Ex-socio da Camisaria Tivoli

HOTEL INTERNACIONAL
PORTO
RUA DO ALMADA, 131
(Junto á Praça da Liberdade)
Agua corrente, quente e fria. Quartos de banho e telefone em todos os andares. Diarias de 20 a 25$00. Dormidas de 7 a 10$00.
Gerencia de **Adriano Caetano.**

DE LUTO

Justino Rodrigues

Faleceu ontem o sr. Justino Rodrigues, operario reformado da oficina de maquinas do Arsenal de Marinha, pai do sr. Francisco Rodrigues, desenhador da C. P. e bombeiro voluntario Lisbonense. O funeral realiza-se amanhã, ás 10 horas, da travessa do Pasteleiro, 34, 4.º para o cemiterio da Ajuda.

D. Miquelina Silva de Castro

Faleceu no hospital de Santo Antonio dos Capuchos a sr.ª D. Miquelina Silva de Castro, de 67 anos, esposa do antigo funcionario publico sr. Alexandre de Castro e mãi da sr.ª D. Ofelia de Castro Pereira, viuva do legionario do Tercio espanhol Mario Pereira, que morreu em combate na frente de Madrid.

Retiro da Severa
Rua Antonio Maria Cardoso, 5
Telefone 2 5979
Hoje, ás 21 horas
Berta Cardoso, Maria do Carmo Torres, Arminda Vidal, Alfredo Duarte (Marcenaro). **Manuel Cascais** (reaparição) e **Vitor Daniel.**
Amanhã, atendendo á solenidade do dia, não ha espectaculo.
Sabado: — **ERCILIA COSTA.**
Primoroso serviço de restaurante.
Jantares a 12$00.
Entrada franca.

Salão Luso Artistico
Hoje extraordinario programa com a gloriosa artista Ercilia Costa, Antonio Samil, eximio em fados, canções e tangos, Maximino Costa e Lourenço de Almeida, nos seus magnificos fados sentimentais e duetos. Consumo 1$80.
Rua Nova da Trindade

O COLETE ENCARNADO — RETIRO ARISTOCRATICO DO FADO
Hoje cantam:
Raquel de Sousa
Jesuina de Melo
Julio Proença
José Tovar
Os bilhetes para o **Colete Encarnado** dão livre ingresso no **Parque Mayer.**—Tel. 2 7493 e 2 1568.
Amanhã não ha espectaculo devido á solenidade do dia—SABADO grandioso grograma de fados.

PASTELARIA FERRARI
A's 5 horas—Chás Elegantes

DIA RELIGIOSO

Amanhã, 16—Sexta-feira Santa.

S. Domingos, ás 9, Adoração da Cruz, missa dos Pressantificados e sermão da Paixão; ás 15 e 30, procissão do Enterro; ás 17, oficios das Trevas, presididos pelo sr. Cardial Patriarca, e sermão da Soledade.

Adoração da Cruz, missa dos Pressantificados, Paixão e procissão: A's 8: Bom Sucesso, S. Miguel, Santa Izabel, Ordem 3.ª, a Jesus.

A's 8 e 30: Carmo, Santo Antonio da Sé. A's 9: Santos-o-Velho, S. Paulo, Anjos, Beato, Corpo Santo e S. Luiz. A's 9 e 30: Santo Condestavel e Encarnação. A's 10: Graça, Penha de França, Arroios, Martires, S. José, Sacramento e S. Mamede. A's 11: Estrela e Dores, em Belem. A's 11 e 30: Lumiar. A's 12: Conceição Nova, Coração de Jesus, Mercês e Santa Catarina.

Sermão da Soledade e oficios: A's 15: Sacramento, Ajuda, S. Nicolau, Pena, S. Mamede, Santa Izabel e S. Miguel. A's 15 e 30: Encarnação. A's 17: Santos-o-Velho e Estrela. A's 18: Mercês, Lumiar e Graça. A's 19: Carmo. A's 20: Anjos, S. José, Martires e S. Vicente. A's 21: S. Mamede, Coração de Jesus, Penha de França, Arroios, Conceição Nova e Beato.

PARA OS NOSSOS POBRES

O Conselho de Administração da Companhia dos Tabacos teve a amabilidade de nos enviar 250$00 para os nossos pobres, por motivo das festas da Pascoa. Os nossos mais vivos agradecimentos.

Vamos lêr!

E' um convite á leitura da revista mais completa da actualidade, que interessa igualmente ao Pai, á Mãi, aos Filhos, a toda a Familia, tal a variedade de assuntos que apresenta nas suas 84 paginas: **Literatura — Historia — Arte — Ciencias — Politica Internacional — Actualidades — Contos — Novela Policial — Modas — Conselhos de Beleza — Curiosidades — Anecdotas — Charadas e Enigmas — Cinema e muitas outras coisas interessantes.**

Magnifica ilustração em rotogravura com fotografias de todo o Mundo. «VAMOS LÊR!» é uma verdadeira enciclopedia de cultura popular, uma revista para lêr e guardar.

«VAMOS LÊR!» encontra-se á venda em todas as tabacarias de Portugal e sai todas as QUINTAS-FEIRAS.

Vamos lêr!

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS
Valem um bom retrato com o formato 18 × 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES
AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1,1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

PHILIPS
Avisa os seus estimados clientes e o publico que os seus escritorios e armazem encerraram o expediente hoje, quinta-feira, 14, às 18 horas, só reabrindo na segunda-feira, 18, pelas 9 horas.

O MELHOR BRINDE E' UM APARELHO DE RADIOTELEFONIA
FORDSON
Um Radio FORDSON representa **uma oferta de alto valor** que V. Ex.ª pode adquirir por pouco dinheiro.
— 12 modelos á escolha
— preços a partir de Esc. 280$00
— facilidades de pagamento
— garantia absoluta
Requisite o catálogo e visite a exposição
FORDSON
nos seus representantes
SOCIEDADE COMERCIAL AVIZ, Ltd.ª
EM LISBOA — Av. da Liberdade, 164, r|c.
NO PORTO — Praça Carlos Alberto, 84 a 85
SÓMENTE durante este mês a titulo de propaganda faremos excepcional abatimento em alguns dos nossos modelos

CORREIO AEREO
SERVIÇO BI-SEMANAL
PORTUGAL - AMERICA DO SUL EM 48 HORAS
RESPOSTAS DENTRO DE UMA SEMANA
Aero - Portuguesa
33, R. Alecrim, — Telef. 2 3371
TODOS OS DOMINGOS A'S 8 E 15
para: Marrocos-Africa Ocid. Francesa-Guiné Portuguesa e Francesa-Libéria-Costa do Marfim e do Ouro e AMERICA DO SUL
ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 5 horas da manhã de Domingo
PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.
Deutsche Lufthansa A. G.
34, Aven. 24 Julho—Telef. 6 0343
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
para: Las Palmas, Bathurst e America do Sul
ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 9 horas da manhã de 5.ª feira
Serviço Diario para Passageiros, Mercadorias e Correio entre **Lisboa-Berlim** com escalas em Salamanca, Marseille, Genève e Stuttgart **No Mesmo Dia**

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Marquesa do Funchal (D. Maria Rita), D. Ermelinda Bon de Sousa da Mota Marques, D. Maria Ernestina Infante da Camara Martins Pereira, D. Catarina de Sousa Coutinho de Mendia, D. Maria de Lourdes Infante da Camara Duarte de Oliveira, D. Maria de Sousa Coutinho de Mendia, D. Joana Virgilino de Brito, D. Inês do Carmo de Barros e Vasconcelos de Abreu Leite, D. Maria Matilde Tasso Rolim Dias, D. Almira Garrutti Malheiro e D. Luiza Alegrim.

CASAMENTOS

Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.ª D. Celeste Cesar Nunes, gentil filha da sr.ª D. Maria Barbara Cesar Nunes e do sr. João Nunes, já falecido, com o sr. Henrique Jorge de Sampaio Ferreira de Sousa Machado, filho da sr.ª D. Matilde Leonor de Sampaio Parreiral da Silva e do sr. Antonio Augusto Machado, funcionario superior da Alfandega, devendo a cerimonia realizar-se por todo o corrente ano.

CHA'S NO AVIZ

Foi recebida com verdadeiro interesse no meio elegante a noticia que no sabado proximo, sabado de Aleluia, recomeçavam no salão de mesa do Aviz Hotel, os tradicionais «chás dansantes» que tanto exito obtiveram durante o inverno, o que decerto irão mais uma vez marcar pela animação e elegancia, visto a sua organização, continuar a cargo do sr. Armando da Camara Rodrigues, que conta na nossa sociedade um lugar de destaque, não só pelo seu fino trato, como sobretudo pelas suas brilhantes qualidades de caracter.

Nas tardes de sabados, vai continuar a ser decerto o salão de mesa do Aviz Hotel, o ponto de reunião preferido pela nossa melhor sociedade, fazendo-se a marcação de mesas, pelos telefones 4 8100 a 4 8109.

NASCIMENTOS

Teve um parto muito feliz a sr.ª D. Lidia Saraiva de Sá Oliveira Homem de Gouveia. Foi seu medico assistente o sr. professor dr. Costa Sacadura. Mãi e filho estão bem.

DOENTES

Foi operado com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves o sr. Henrique Manuel Pessoa de Araujo.

—No pavilhão da familia militar foi operada com grande exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves e pelo seu ajudante sr. dr. Centeno Nicolau Biancourt, a sr.ª D. Maria Luiza Sotto Mayor Malheiro Padesca, esposa do sr. major Padesca, director da Fabrica de Equipamentos e Arreios.

Auto-Mecânica de Portugal (S. C. A. R. L.)

Assembléa Geral Ordinária

SÁBADO

23

pelas 21 horas na Voz do Operário. Os sócios que ainda não têm os seus bilhetes de admissão devem mandá-los buscar à sede da Cooperativa.

A inscrição de sócios fundadores (extraordinários) e sócios ordinários prossegue diáriamente das 10 às 18 horas.

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

O Tivoli obteve uma brilhantissima vitoria com o seu actual programa. As enchentes sucedem-se. O publico acorre ali ansioso de ver «Pimpinela Escarlate». As suas novas aventuras, no quadro, a um tempo grandioso e tragico da revolução francesa, como salvará ele a esposa raptada pela estonteante e arguta madame Tallien? Como salvará esta o marido do cutelo da guilhotina? A luta trava-se, na Convenção, num historico duelo oratorio que teve Robespierre e o fogoso tribuno como protogonistas.

Atrás do reposteiro

Os teatros que funcionam actualmente—Nacional, Avenida e Variedades—não dão amanhã espectaculos, em virtude da solenidade do dia.

—A actriz Fernanda de Sousa só acompanhará a companhia Adelina-Aura Abranches quando esta sair em «tournée» para as ilhas da Madeira e Açores e para a sua projectada digressão ao Brasil.

—Por um dos nossos melhores artistas está já sendo pintado o cenario da comedia «O Centenario», original dos irmãos Joaquim e Serafim Quintero, este ultimo agora falecido em Madrid, representando uma pitoresca casa andaluza, com o seu patio replecto de cravos vermelhos.

—No repertorio da companhia Maria Matos á nossa Africa e ao Brasil, na totalidade de 30 peças, entre estas alguns originais portugueses, conta-se a comedia «Era uma vez uma menina...», com que a actriz Maria Helena fez a sua estreia no teatro, ha anos, no Avenida.

—Antes da estreia na quinta feira da opereta «O Farol da Bôa Nova», no Sá da Bandeira, do Porto, a companhia que ali está actuando dará no Teatro-Circo de Braga um espectaculo com a revista «Olaré, quem brinca!».

—Um dos quadros que Piero está cuidando para a revista «Sempre em pé», no Variedades, intitula-se «Reportagens do futuro» e nele tem valiosa colaboração a «vedeta» Beatriz Costa e os principais artistas da sua companhia.

—Na proxima segunda feira fixar-se-á a data definitiva para a estreia, no Maria Vitoria, da nova revista «O Juizo do Ano», da qual vai ser principal interprete, á frente da companhia, a popular e brilhante actriz Hortense Luz, fazendo o «compére» Carlos Leal.

—Vindo da sua casa de Obidos está em Lisboa o actor Luiz Pinto, reformado do teatro Nacional.

—Está concluida e musicada a nova opereta «Ribatejo», da autoria de Alberto Barbosa, José Galhardo, Vasco Santana e Amadeu do Vale, e que vai ser representada num dos teatros da empresa Antonio de Macedo.

—Luiz Palmeirim e Cunha Moreira estão trabalhando no arranjo duma alta comedia que intitularam «A princesa actriz», cuja protagonista deverá ser interpretada pela insigne artista Palmira Bastos.

«Shirley, a garota dos Alpes», no Odéon e no Palacio

Shirley, que tem milhares de admiradores, não só nas crianças como nas pessoas crescidas, revela no filme «a garota dos Alpes» estar no seu apogeu, em plena posse de todas as suas faculdades.

O filme, extraído dum celebre romance, está muito bem feito e cuidadosamente tratado, de modo a pôr em relêvo todas as qualidades da grande actrizinha.

Shirley representa com muita simplicidade e perfeição, e canta com uma graça inimitavel, ouvindo-se, pois, com o maior dos agrados. Filme suave, de ternura — dispõe-nos bem. Numa altura em que a humanidade vive um periodo de agitação, e que a tela nos dá cenas de horror, faz bem á nossa sensibilidade admirar este formosissimo filme, em que todos os personagens são bons, mesmo aqueles que parecem maus, e no qual assistimos ao desabrochar dos mais puros sêntimentos.

O novo filme da graciosa Shirley fez-nos lembrar a obra de Julio Diniz, pelas suas caracteristicas semelhantes. A garota é arremessada para um avô, que a recebe desabridamente, a principio. Shirley, aos poucos, conquista-o, pela sua bondade e dedicação, a ponto de chegar a ser adorada.

Pode dizer-se que «Shirley, a garota dos Alpes», desempenhada tambem muito correctamente por Jean Hersholt, Artur Treacher, acrescenta mais um triunfo á carreira da actrizinha, cuja celebridade pede meças ás mais famosas estrelas.

«O Misterioso Mr. Moto» segue-se com interesse e tambem com agrado. Toda a acção gira á volta de Peter Lorre que representa com uma segurança admiravel, boa mascara, e uma grande sobriedade, mostrando-se um detective perfeito. O grande actor de «Matou» desempenha desta feita um papel simpatico, fazendo três ou quatro golpes de «jiu-jitsu» como um habil praticante, como se fôra realmente japonês. A sua actuação, mesmo nos momentos de maior perigo, caracteriza-se por uma grande serenidade. Os complementos são bons, principalmente os que versam assuntos desportivos.—T. da S.

«A Vida de Cristo» e «O Filho Pródigo», hoje, no Coliseu. A «matinée» de amanhã e a estreia de sabado

O Coliseu vai ser pequeno esta noite para conter a multidão que quere ver a melhor versão da «Vida de Cristo», com a Paixão e a Morte, no mais emocionante e prodigioso filme realizado até hoje com este religioso tema. Outra admiravel produção é «O Filho Prodigo», a obra-prima arrebatadora e cheia de moral, de Louis Trenker. Amanhã: «Matinée» com «A iVda de Cristo» e «Sublime Expiação». Sabado, 16: estreia de novo programa duplo, com «A Casa do Misterio» e «Era uma vez uma Princesa...».

VARIEDADES

A's 8,45 e 11 horas

A opereta de enorme sucesso

O Pardal de S. Bento

PROTAGONISTA:

BEATRIZ COSTA

DOMINGO DE PÁSCOA

"Matinée" e duas sessões com

O Pardal de S. Bento

Amanhã, não ha espectaculo

AVENIDA

Hoje: A's 8 e 45 e 11 horas

A grande e incomparavel comedia

O PATETA ALEGRE

Estupendo sucesso da companhia NASCIMENTO FERNANDES

Domingo de Pascoa "matinée" e duas sessões com

O PATETA ALEGRE

Amanhã, não ha eopectaculo

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — A's 21 e 30 — Tel-f. 717-2 — **Na grande cidade** com Spencer Tracy e Luise Rainer

CONDES — A's 21 e 30 — TEL 2 593 — **A Canção da Terra** filme português de Jorge Brum do Canto, com Elsa Rumina, Barreto Poeira. A HORA H, com a Orquestra Aldrabofona.

TRINDADE — A's 21 e 30 — Telef. 2 0000 — **Ben-Hur** — Preços popularissimos

CAPITOLIO — Tel. 2 7493 — A's 21 — O Pecado das Mãis com Barbara Stanwick — A Vida de Cristo

TERRASSE — Tel. 3 0917 — A Vida de Cristo — Sublime Expiação

TIVOLI — A's 21 e 30 — TELEF. 50595 — **Novas aventuras de «Scalert Pimpernel»** com Sophie Stewart, Margarette Scott e James Mason

ODEON — A's 21 e 15 — Telef. 2 6283 — **A garota dos Alpes** com Shirley Temple

PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163 — **O Rei dos Reis** de Cecil B. de Mille

REX — Telef. 2 9656 — A's 21 e 15 — Vida de Cristo — A Virgem de Lourdes

JARDIM CINEMA — A's 21 — Tel. 6 3065. — O Milagre de Lourdes

POLITEAMA — A's 21,30 — Telef. 26305 — Fechado devido á solenidade do dia. Sabado: **Fuglu o morto** — **Entre nuvens**

CENTRAL — TEL 24381 — Soirée as 21 e 30 — 2.ª SEMANA — Um dos melhores filmes da temporada — **Luta de consciencia**

PARIS — Tel. 6 2 30 — A's 21 h — **A Vida de Cristo** — **AVÉ MARIA** com Benjamin Gigli

LYS — Telef. 4 8580 — A Vida de Cristo — Traidores

ROYAL — Tele. 4503 — A's 9 — A VIDA DE CRISTO — As duas orfãs

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — O Triunfo da Fé

TEMAS DE ACTUALIDADE

O problema da habitação para as classes pobres

Nenhum outro problema social deve merecer tanto o carinho dos dirigentes do Estado Novo como o que consiste em dar realização pratica á habitação dos pobres que, pelas condições de exiguidade dos seus proventos se vêem na necessidade da habitar imundas barracas das que formam os varios e nefastos bairros de lata, que mais não são do que escarneo de condição humana e fautor da podridão de corpos e almas.

E' preciso visitar esses bairros, como o das Laranjeiras, para poder sentir até que ponto eles promovem a degradação dos seus habitantes, transformando em descontentes uns e em miseros farrapos outros, fontes de uma degenerescencia alarmante, tão decrepito é o seu estado fisico, moral e fisiologico.

Em seguimento da noticia que ha dias demos aos nossos leitores, a proposito deste momentoso problema e das soluções que lhe têm sido procuradas, vamos publicar uma série de artigos de estudo sobre os aspectos moral, economico e social da questão e a interdependencia das respectivas soluções para a efectivação de tão importante objectivo.

Analisando o aspecto moral que nos oferecem e que aos seus moradores proporcionam as barracas dos bairros das Minhocas confrange-se-nos a alma, e o nosso espirito perturba-se ao verificar que decerto se deve á incuria de sucessivos dirigentes a vergonha de tais aglomerados e a impressionante degradação que em todos eles se observa.

Efeito de uma crise que se não soube debelar e antes se alimentou, essas pseudo «casas» de pavimento terreo, excessivamente quentes ou destemperadamente frias em resultado das inumeras aberturas que o proprio caracter da construção feita de pedaços dos materiais mais improprios, permite, são constituidas em regra por um unico espaço comum que serve de cosinha, casa de comer, de dormida e de lavagens e determinam uma promiscuidade tão degradante que não ha espirito que resista á sua influencia desmoralizadora.

Os pais e os filhos de ambos os sexos, desde a infancia á puberdade, fazem vita nocturna, comum, dormindo por vezes as pobres crianças enregeladas em magros e humidos colchões assentes sobre terra. Os insectos e vermes de toda a especie, com entrada livre na habitação que não é vedada, incomodam, sugam e por vezes envenenam. Asseio não pode haver, porque o meio é essencialmente porco.

Os pais discutem ás vezes as suas situações vergonhosas; e, porque se é infeliz e não ha arrimo espiritual, o abandalhamento de linguagem é tal que insensivelmente se perde o respeito entre os conjuges, e os filhos se educam em desrespeito pelos pais.

As crianças procuram a rua, a absorver pestilencias provocadas pelos dejectos que correm pelas regueiras que são os esgotos nesses bairros, a ceu aberto; os pais, horrorisados do viver a que se sentem condenados, procuram a taberna, e daí novos ralhos, novos maus exemplos, maior desmoralização. E de degrau em degrau brutalisam-se os cerebros e corrompem-se as almas, criando-se o circulo vicioso em que os pais são infelizes porque não têm bom ambiente e não têm bom ambiente porque são infelizes. O pudor desaparece e as mancebias multiplicam-se como produto do meio.

E as criancinhas? As criancinhas que deviam ser bem preparadas para a luta futura, como são cuidadas? Tenros espiritos sujeitos a tal vendaval de miseria, só podem vir a ser grandes no mal, quando cumpria prepará-las para o bem.

O preceito cristão que estabelece e define a dignidade da condição humana, dando ao pobre resignação para o seu estado, e impondo ao rico o dever de ajudar o pobre a alcançar o nivel do bem estar a que na sociedade deve ter direito, não é aqui praticado no respeitante ao lar.

A sociedade, que não cumpriu o seu dever, vem depois queixar-se dos descontentes que ela propria criou. E se não fôrem descontentes? Se fôrem simplesmente deprimidos, doentes morais e fisicos impossibilitados de reacção, aparente massa de trabalhadores, impotente, porém, como valor económico, serão menos prejudiciais do que os descontentes? E' o que estudaremos no artigo seguinte.

MANUEL SARAIVA

VIDA DE MISERIA

Para a viuva do reporter fotografico Leonel de Melo, a favor da qual fizemos ha dias um apelo, recebemos mais os seguintes donativos: De «Uma casa de artigos fotograficos», 50$00; de A. F. A., 20$00.

Agradecemos em nome da pobre senhora e dos seus filhos, que atravessam uma situação dificil, para a qual chamamos a atenção dos nossos leitores.

ASSOCIAÇÃO DE MALFEITORES

OS QUATRO IMPLICADOS NA MORTE

do guarda-nocturno

descrevem, com pormenores, as suas façanhas

Estão completamente esclarecidas as circunstancias em que foi morto o guarda-nocturno Joaquim dos Santos. Ontem, o chefe Antonio Augusto e o agente Lourenço estiveram a interrogar, desde as 21 horas ás 2 da madrugada, Jorge dos Santos, que foi preso juntamente com Alcino Santos, Gabriel Portugal e João Ramos Rodrigues.

A este demorado interrogatorio assistiu o sr. dr. Eurico Serra, estando tambem presentes os agentes Rosa, Verissimo, Domingues e Lopes.

Jorge Santos parece não compreender as suas tragicas responsabilidades. Mostrou-se, aparentemente, tranquilo. Respondeu a todas as preguntas que lhe fizeram, fumando cigarro após cigarro. Como se sabe, os quatro presos pertenciam ás juventudes comunistas, sendo tambem os autores do assalto ao guarda-nocturno da rua Eduardo Coelho, felizmente, malogrado.

Contou ele que ha cêrca de oito meses foi convidado por um tal Miguel, que se encontra actualmente preso por comunista, a filiar-se na Juventude daquele partido. A obra de sugestão parece ter sido demorada, mas deu resultados. Uma vez dentro da organização, o Jorge travou relações com um individuo de nome Eugenio, que tambem se encontra detido.

Pelo Miguel foram-lhe entregues uns doze ou treze exemplares do jornal «Avante», para distribuir.

O preso, ao descrever este facto, teve esta frase, que demonstra o seu arrependimento, embora tardio:

—Foram outros tantos que atirei para a desgraça!

Como ficassem sem dirigentes, em virtude de a Policia os ter apanhado todos, o grupo esteve durante algum tempo sossegado. Certo dia, porém, o Alcino Freitas voltou a falar na organização, convencendo o Jorge Santos que era necessario saber o numero e a qualidade das armas que podiam existir no quartel da «Legião Portuguesa» á Estrela. Imediatamente se desempenhou da sua missão. Um individuo que encontrou numa taberna das proximidades, fingindo-se muito sabedor, disse-lhe varias coisas, que ele aceitou como boas. O Jorge Santos, convencido de que tudo aquilo era verdade, fez uma especie de relatorio que entregou ao Alcino para este, por sua vez, o entregar a uma pessoa, de quem desconhece a identidade. Estas informações tinham por fim facilitar um assalto áquele quartel da «Legião». Mais tarde veio a saber que o Gabriel Portugal trabalhava com o João Ramos Rodrigues, aparecendo este sempre com o seu fardamento de ajudante de continuo das Companhias Gás e Electricidade.

O assalto da rua Eduardo Coelho

No dia em que foi assaltado o guarda-nocturno da rua Eduardo Coelho, os quatro presos estiveram no Rossio, junto dum dos lagos que ali existem, a conversar sobre a façanha que projectavam. A's 21 horas subiram o Chiado, embrenharam-se pelo Bairro Alto, descendo depois a calçado dos Caetanos, em direcção á rua da Academia das Ciencias. A' frente iam o Alcino e o Portugal, e atrás, a curta distancia, o Jorge Santos e o João Ramos. Não trocaram palavra sobre o caso. Proximo do gradeamento que existe ao fundo da rua da Academia das Ciencias, viram o guarda-nocturno. Dirigiram-se, então, á rua Eduardo Coelho, que fica mais alema, e ai, junto do predio numero 26, o Portugal e o Rodrigues bateram as palmas, ruidosamente. Instantes depois surgia o «sereno», que abriu a porta, dando as boas noites. Entrou no patamar, e acendeu a lampada electrica. O Alcino deixou-se ficar atrás do guarda-nocturno, e, sem pronunciar qualquer palavra, tocou no braço do Jorge Santos. Era o sinal combinado para ele lhe tirar a pistola. O Alcino, acto continuo, prendeu pelas costas os braços do guarda-nocturno, enquanto o Jorge Santos, dando um violento estição ao cordão, que prendia a arma, fazia saltar esta do coldre. Apanhou-a, e ameaçando-o de morte com ela, deu tempo a que os seus cumplices pudessem fugir.

O Jorge Santos diz agora que teria morto a vitima involuntariamente, se ela tivesse esboçado qualquer gesto. E' que se apoderára dele um tal nervosismo que tremia como varas verdes.

Depois da façanha, reuniram-se os quatro, na travessa da Arrochela, sitio previamente combinado, subindo depois a calçada da Estrela e tomando cada um o seu caminho na rua Borges Carneiro. Dias depois, avistou-se na rua da Bela Vista, á Lapa, com o Alcino, a quem entregou a arma roubada, embrulhada num jornal. Precisou o sitio: em frente duma taberna conhecida pela do «Zé Pequeno».

Como foi assassinado o Joaquim dos Santos

Depois do assalto tiveram dois encontros, um no jardim de Campo de Ourique, e outro no largo da Estrela, para combinar nova façanha. Um deles deve ter indicado o pobre Joaquim dos Santos. A reunião do largo da Estrela deve ter sido a ultima, isto é, na madrugada de 19 de março. Viram primeiro a vitima, na travessa do Possolo, junto duns terrenos vagos que ali existem O Alcino e o Portugal meteram-se na escada do predio n.º 32 da travessa do Possolo, ficando o Jorge Santos e o Ramos, á porta. O preso declara que o primeiro passou para as mãos do Portugal qualquer coisa que presume serem jornais, mas não o pode afirmar.

Quando o Jorge Santos apareceu na rua, ficou surpreso ao vêr sair da escada dois desconhecidos, enquanto outros dois ficavam entre os umbrais. As suas atitudes tornaram-se-lhe suspeitas. Puxou da pistola, e foi logo para a escada, ao mesmo tempo que exclamava:

—Andam aqui estes malandros a perturbar o sossego de cada um!

O Alcino disparou, então, a pistola, a uma distancia de cinquenta metros do pobre «sereno», indo um dos projecteis atingi-lo mortalmente. Fugiram depois.

Um individuo que se encontrava á esquina da travessa do Possolo para a travessa das Almas, enfrentou-se com o Jorge Santos, colocando-se diante dele com os braços abertos. Ele, porém, escapou-se-lhe, tocando com a cabeça num dos braços, pelo que ficou todo despenteado.

Outro individuo, este ao que parece fardado, quis ainda cortar a fuga do grupo, mas não o conseguiu.

No dia seguinte tiveram conhecimento da morte do guarda-nocturno, o que bastante os contrariou. Afirmam que não queriam mata-lo, mas roubar-lhe a pistola. O Jorge Santos declarou ainda que o plano de assalto ao quartel da «Legião Portuguesa», na Estrela, fôra elaborado por ele.

Tendo-lhe os investigadores preguntado para que queriam eles as armas, o preso respondeu que as destinavam ao partido comunista.

UM PARECER DA CAMARA CORPORATIVA

Não deve desaparecer

a provincia

como divisão administrativa

Foi publicado o parecer da Camara Corporativa acêrca do projecto de lei n.º 192, que pretende alterar dois artigos da Constituição, fazendo desaparecer da divisão administrativa a «provincia», restaurando o «distrito» com o seu anterior caracter e permitindo, como inovação, «a federação dos distritos, quando a tendencia natural dos povos e suas legitimas conveniencias o aconselharem».

O parecer, longo e erudito, é assinado pelos procuradores Fezas Vital, Abel de Andrade, Pinto Coelho, Pimentel de Almeida, Simões Barreiros, Antonio da Terra, Ornelas Gonçalves, Fausto Basso, Armando Pires e Mendes Correia, na qualidade de relator, e nele se explica e fundamenta o criterio adoptado pela Camara Corporativa, que é o seguinte:

«Em suma, a-pesar das incertezas e dificuldades do problema, não julgamos de atender, pelo menos por enquanto, os votos formulados para a extinção da divisão provincial. Já a comissão encarregada dessa divisão dizia no seu relatorio que as reclamações e protestos apresentados sobre a divisão administrativa não traduzem muitas vezes nem as aspirações nem as conveniencias reais dos povos. Mas, ainda quando essas reclamações exprimam a vontade destes, só com inqueritos rigorosos e exactos e com estudos amplos e objectivos se poderá averiguar com segurança até que ponto tais reclamações correspondem á utilidade nacional e regional. A Camara Corporativa reconhece mesmo a necessidade de se examinarem cuidadosamente todas as reclamações, devendo modificar-se a divisão feita em tudo o que se verificar inconveniente e susceptivel de modificação, dentro dos principios gerais expostos.

Não argumenta a Camara Corporativa com o triste significado que teria como sinal de leviandade legislativa o abandono da provincia como autarquia poucos anos depois de ter sido submetido a plebiscito e sancionado pela Nação o estatuto constitucional que estabelece a sua existencia. E não invoca, nem em caso algum invocaria, esse argumento para manter a provincia, porque se esta fôsse um êrro, seria oportuno e necessario reconhecê-lo o mais depressa possivel, embora isso pudesse de qualquer modo afectar o prestigio do legislador: é que este prestigio seria mais atingido pela obstinação num êrro do que pelo reconhecimento franco dos factos.

Mas a verdade é que não houve precipitação ou leviandade na introdução da provincia no quadro administrativo do País. Essa medida assenta, como vimos, em razões sérias, e de modo algum se pode ainda considerar desfavorecida por uma experiencia suficientemente longa e concludente.

Eis os motivos pelos quais a Camara Corporativa entende não dever dar, presentemente, a sua concordancia ao projecto de lei n.º 192 — e isto sem entrar em linha de conta com a inconstitucionalidade deste».

No parecer são formulados os seguintes votos:

«1.º, Que uma comissão especializada na materia vá examinando as reclamações apresentadas e proponha ao Governo as modificações que considerar convenientes na actual divisão;

2.º, Que ás autarquias provinciais se procure ir dando os meios e condições necessarios para a eficiencia da sua acção, reduzindo-se tambem progressivamente o papel dos distritos e até o numero destes, salvo se se reconhecer por inqueritos e uma experiencia suficientemente demonstrativos a conveniencia de se não perseverar nesse caminho, que, no campo doutrinario, se afigura aliás como o mais conforme com os principios fundamentais do Estado Novo Português, ou seja com uma politica de objectividade, de logica e de bem geral».

Discordaram os srs. José Augusto Fausto Basso e Armando Valfredo Pires, que afirma, na sua declaração de voto:

«As razões oferecidas não são bastantes para fundamentar uma reforma que interessa fundamente a população de quasi metade de Portugal; uma reforma que, como já se escreveu, fere os hábitos, os costumes, a comodidade dos povos, e ofende, a par dos seus interesses, a sua dignidade».

A GUERRA CIVIL

As vanguardas

estão a 14 quilometro

FRAGA, 14. — As vanguardas nacionalistas avançaram no sector de Vinaroz e estão a 17 quilometros do mar. — (Havas).

Os nacionalistas conquistaram hoje a vila de San Mateo

MORELLA, 14—Os exercitos de Aranda, Camilo Alonso e Garcia Valino avançaram numa profundidade de 12 quilometros e apoderaram-se de San Mateo e de La Jona.

Ao meio dia, as vanguardas nacionalistas estavam a 14 quilometros de Vinaroz.

Ao atingirem a aldeia de Cervera del Maestre, os nacionalistas venceram os ultimos obstaculos do terreno, constituidos pela serra de Valdancha.

Agora só lhes resta atravessar uma faixa ligeiramente ondulada.

As tropas de Franco avistam já o mar dessas posições.—(Havas).

A Semana Santa em Sevilha

SEVILHA, 14. — O Radio Sevilha anuncia que as festas tradicionais da Semana Santa nesta cidade se estão a desenrolar no meio de enorme entusiasmo. Procissões de varias confrarias percorrem as ruas da cidade. Chegaram milhares de visitantes. O general Queipo de Llano, na companhia de sua esposa, assistiu, no meio da multidão, á passagem da confraria de Triana.

No dia 30 de abril o Instituto de Espanha receberá em sessão solene o general Jordana, ministro dos Negocios Estrangeiros. O duque de Alba assiste á sessão.—(Havas).

Providencias militares de Barcelona

PERPINHÃO, 14.—Segundo informações chegadas a esta cidade, o governo e o estado maior da Espanha republicana estão a tomar as providencias ne-

QUINTA-FEIRA SANT

Lisboa cheirava hoje a rosmaninho. Uma benção vendo-a numa aureola de gloria primaveril. Ao ram-se de roxo os altares da paixão de Cristo. preender á multidão dos fieis, que a hora tra gado. Dir-se-ia que, na Cruz, o sangue voltava visão dos seculos, como outrora, no Golgota e os falsos sacerdotes do templo, vociferavam cor a sua agonia. Lisboa devota encheu hoje as r restrições. A' porta das igrejas perdem-se todo — justa, total. Rosario de almas, em explosão sete passos do Senhor, deixando-se em cada u grinação, lenta e espessa, que vai transitando s ferente. Na abobada alta, pintada com misticas mano, onde todas as vagas são iguais. Entre capitulando sob todas as penitencias, com um a sagrada ambição tornam maiores e mais vivas. zes do unico altar que, na penumbra roxa de Não passam dos labios, mas o alabastro dos chas oceanicas. Donde vem essa voz comum? D ção, e esperança de Quinta-feira Maior, entre hoje silenciosa, com o seu rumor de grande negras pelas ruas. A cerimonia de S. Domin sença do sr. Cardial Patriarca, no lava-pés tr que a nossa gravura representa, não podendo pessoas que a e

IMPRENSA

«Humanidade»

Reaparece no proximo sabado o semanario «Humanidade», ao qual foi levantada a suspensão.

O «DIA DA MARINHA»

No proximo dia 3 de maia (Dia da Marinha) haverá um grande espectaculo nocturno dedicado ás guarnições da esquadra e, na noite seguinte, haverá o Grande Baile da Marinha dedicado ás familias da oficialidade.

MIRANDA & FILHOS

JOIAS E PRATAS QUE SE DISTINGUEM

50 CHIADO LISBOA

NEGRESCO

Restaurante

Os melhores mariscos. Deliciosos pratos especiais. — Tel. 2 9583.

PATISSERIE VERSAILLES

Lanches para casamentos

IL EM ESPANHA

s nacionalistas

tros do Mediterraneo

cessarias para se oporem ao avanço nacionalista na região de Seo de Urgel. Consta que já seguiram para ali cêrca de 12.000 homens, na sua maioria elementos das brigadas internacionais e mancebos. Tambem se diz terem seguido para a mesma zona artelharia e carros de combate. Constroem-se e abrem-se febrilmente fortificações e trincheiras.—(Havas).

Telegrama de Bénès a Azaña

PRAGA, 14 — Eduardo Bénès enviou o seguinte telegrama a Azaña: «No dia do aniversario da Republica espanhola faço os mais ardentes votos por v. e pela Espanha».—(Havas).

Alcalá Zamora quere o fim da guerra

PARIS, 14. — «L'Ere Nouvelle» publica um artigo de Alcalá Zamora pedindo a paz para a Espanha. Refere-se aos precedentes artigos insertos no mesmo jornal, em que fazia o mesmo pedido e põe-se de sobreaviso contra «certas tradições, mesmo preconceitos que possam justificar a necessidade de salvar a honra do país ou a dignidade do poder aceitando a luta sem esperança». Tendo-se feito, porém, este gesto—acrescenta—gesto de resto muito discutivel, o dever da politica patriotica, o dever em resumo é não continuar as guerras que se mostram tão inuteis como ruinosas. Já nada ha a ganhar—diz—ou a esperar do prolongamento da guerra. A verdade é que o prolongamento da guerra prejudica todos os ideais e não serve senão para favorecer a reacção fascista em Espanha na sua vida interna e nas suas relações externas. Critica vivamente a «politica que consiste em ir até ao ultimo homem, á ultima casa, ao ultimo miligrama de ouro, pois são más paginas que a literatura repele como vulgares e que a historia regista como criminosos».—(Havas)

ITA

ão doirada de sol desceu sobre a cidade, envol-Ao meio dia calaram-se as campanas, envolve-o, e o sacerdote, do alto do pulpito, fez com-ragica, a hora divina do martirio havia che-va de novo a gotejar e, que, por detrás, na escalvado, os centuriões, a plebe, os fariseus, contra o filho de Deus, lapidando, cruelmente, ruas. Humanizou-as com a sua piedade, sem dos os convencionalismos. Ha uma igualdade de fé. Sete templos, que é preciso visitar, os um, uma oração. Não se distinguem na pere-sob as naves, duas mulheres de condição di-as alegorias, Deus vê cruzar o grande rio hu-e os que passam, ha os que ficam, rezando, arroubo de fé, que uma dôr, um sonho, uma s. Sente-se que as almas ardem, como as lu-misterio religioso, fulgem em oiro de estrelas. templos, enche-se de sussurro como as con-Desce do ceu ou sobe da terra? Perdão, ben-re cheiros de rosmaninho, através de Lisboa, e cidade extinta, taipais cerrados, e sombras ngos, templo-catedral, teve a imponente pre-tradicional, acto de transcendente significado, o traduzir a piedosa emoção dos milhares de e ela assistiam.

INDUSTRIA NACIONAL

-o-o-

Foi lançado á agua

um novo vapor para os pilotos de Lisboa

O «Pedro Rodrigues» ao descer pela carreira

Nos estaleiros da Administração Geral do Porto de Lisboa, actualmente confiados á Companhia União Fabril, efectuou-se esta tarde a cerimonia do lançamento á agua do novo vapor dos pilotos «Pedro Rodrigues» que foi ali construido em 43 dias uteis de trabalho o que representa uma actividade interessante a-pesar-de se tratar de um pequeno barco de 40 metros de comprimento e 651 toneladas de deslocamento.

Compareceram, além de muitas senhoras, os srs. engenheiro Sá Nogueira, administrador geral do porto de Lisboa; contra-almirante Pedro Rodrigues; capitães de mar e guerra Carlos de Sousa Coutinho, chefe do Departamento Maritimo do Centro, e Peres Murinelo, chefe dos Serviços Maritimos; Jaime Tompson e Bernardino Correia, representando respectivamente as Companhias Nacional e Colonial de Navegação; muitos outros oficiais da Armada; o velho piloto-mór aposentado Eduardo Florencio, deputações de pilotos de Lisboa, Leixões e Setubal; e muitos outros convidados, os quais eram aguardados pelo sr. Manuel de Melo, administrador da C. U. F. e pelos engenheiros que ali prestam serviço.

Pouco depois das 15 e 45 procedeu-se á cerimonia. O sr. engenheiro Sá Nogueira quebrou uma garrafa de champagne na pôa do «Pedro Rodrigues» o qual, pintado de zarcão, começou a descer lentamente pela carreira por entre salvas de palmas de toda a assistencia.

No rio, diversos barcos embandeirados e cheios de gente, silvaram festivamente produzindo-se novas manifestações.

O «Pedro Rodrigues» entrou elegantemente nas aguas do Tejo demonstrando uma construção segura e cuidada.

A assistencia, antes de se retirar, felicitou os dirigentes da C. U. F. e o sr. capitão de fragata engenheiro construtor naval Sousa Menres que dirigiu tecnicamente a construção do novo barco.

A princesa Maria Luiza

chega depois de amanhã a Lisboa

FUNCHAL, 14. — Com destino a Lisboa embarcou hoje, no «Almanzora», a princesa Maria Luisa, tia do rei Jorge VI de Inglaterra.

O paquete deve chegar ao Tejo no sabado de manhã.

GESTO DE FILANTROPIA

O testamento duma milionaria

D. Sofia Bensaude legou centenas de contos a diversas instituições de beneficencia

Causou sensação entre as pessoas que já conhecem as suas disposições o testamento da sr.ª D. Sofia Bensaude, senhora cuja fortuna era calculada em cêrca de vinte mil contos.

D. Sofia Bensaude—que era filha do sr. Abraão Bensaude, solteira, natural da ilha de S. Miguel e moradora na rua Alexandre Herculano—deixou numerosos legados não só a pessoas da sua amizade ou que a serviram, mas a muitas instituições de beneficencia.

Algumas das disposições—pela sua importancia e por serem invulgares—merecem especial referencia: Por exemplo:

Como lembrança de amizade deixou á sr.ª D. Casimira Tavares de Carvalho todas as pratas e joias existentes nas suas casas de Lisboa e do Estoril e na mala depositada no Banco Lisboa & Açores; ao sr. Antonio Tavares de Carvalho, seu primeiro testamenteiro e director daquele Banco, 200 contos e o remanescente da herança, se algum houver; 100 contos a cada um dos outros testamenteiros, srs. Joaquim de Cardenas Guedes, tambem director daquele Banco, dr. Mario Tavares de Carvalho, notario, e dr. Fernando Tavares de Carvalho, notario; a Firmino Simões, seu empregado o usufruto vitalicio do capital de 50 contos e a Julia Resgate Covas, viuva do seu antigo «chauffeur», o usufruto vitalicio do capital de 250 contos, sendo a propriedade destes 400 contos legada ao Albergue dos Invalidos do Trabalho; ao seu «chauffeur» Joseph Davanne o seu automovel e 50 contos, e á mulher dele e sua criada Henriette Davanne 50 contos; a Augusta da Conceição, guarda da vila Insulano, 20 contos; ao seu guarda-livros Francisco Renovato Marinho 50 contos; a Zulmira da Conceição Simões, guarda da sua casa da rua Alexandre Herculano, 4 contos.

Vejamos agora o que D. Sofia Bensaude legou a diversas instituições: ao Hospital Israelita de Lisboa, á Maternidade Abraão Bensaude e á Misericordia de Lisboa 30 contos a cada; aos Sapadores Bombeiros, aos Bombeiros Voluntarios do Estoril e á Cruz Vermelha de Lisboa 20 contos a cada; ao Asilo das Cegas da rua do «Seculo» e ao Asilo dos Cegos Branco Rodrigues 10 contos a cada; ao hospital de S. Francisco, de Ponta Delgada, 20 contos e ao cemiterio israelita da mesma cidade 4 contos; á «Somej Noflim» e á sinagoga do beco da Lameira, 10 contos a cada; ao cemiterio israelita de Lisboa 40 contos; ao Albergue das Crianças Abandonadas e ao Asilo de D. Pedro V 30 contos a cada, além de todas as roupas que existirem nas suas casas; ao Asilo da Mendicidade, em Alcobaça, 100 contos; ao Alberque dos Invalidos do Trabalho, além da propriedade dos 400 contos a que acima nos referimos, 100 contos para tratar da conservação de dois jazigos, e 40 contos para mandar rezar quatro missas por ano.

Um legado que bem demonstra, como os outros, a bondade da saudosa senhora: «Deixo 100 contos á Sociedade Protectora dos Animais, com obrigação porém de aplicar o respectivo rendimento ao sustento do cão Milo, que pertence a Joseph Davannes e de fazer com que seja sempre bem tratado enquanto viver. Se o cão já não existir quando eu morrer, este legado será reduzido a 50 contos».

As recomendações que faz ao Albergue dos Invalidos do Trabalho, acerca da conservação dos seus jazigos demonstram igualmente a sua ternura, tão bem provada na determinação de que sejam colocadas no seu jazigo, além das imagens religiosas existentes nas suas casas, todos os retratos que lá houver, «sejam ou não de pessoas de familia».

O seu amor a Portugal está bem expresso nesta vontade: «Ainda que eu morra fóra de Portugal, quero o meu cadaver embalsamado e que seja depositado no referido meu jazigo no cemiterio dos Prazeres, onde repousam as minhas queridas mãi e avó».

D. Sofia Bensaude—que deixou todos os legados livres de quaisquer contribuições, impostos ou encargos, e autorizou o testamenteiro que fizer a liquidação da herança a «apoderar-se de todos os bens e valores de que esta fôr constituida, podendo livremente levantar depositos de titulos e dinheiro dos varios Bancos onde existam, alienar pela melhor fórma que entender, não só os predios que possuo, mas tambem todos os papeis de crédito e as mais coisas mobiliarias que me pertençam, excluidas, é claro, aquelas que são objecto de legado ou menção especial»—dispôs o seguinte acêrca do seu funeral:

«O meu funeral será como o de minha saudosa mãi; quero ir num carro doirado, seguido de berlinda, onde serão transportados os sacerdotes e seus acólitos e acompanhada por quatro pobres do Albergue dos Invalidos do Trabalho, quatro pobres do Albergue da Misericordia de Lisboa e quatro meninas do Albergue das Crianças Abandonadas. Dar-se-ão 10$00 a cada uma destas meninas e a cada um daqueles oito pobres, além das quantias que forem devidas aos albergues pelo facto do acompanhamento. Quero ainda que, como no funeral de minha querida mãi, se distribuam 300$00 pelos pobres que concorrerem ao cemiterio e mais se distribuam 300$00 pelos pobres da freguesia donde partir o meu funeral e outros 300$00 pelos israelitas pobres».

Tais são as principais passagens do sensacional testamento da bondosa filha de Abraão Bensaude, cuja morte foi muito sentida, não só em Lisboa e no Estoril, mas nos Açores onde nasceu.

José Joaquim Fernandes

FALECEU

Larangeira, Limitada, cumpre o doloroso dever de participar aos Exmos clientes e amigos o falecimento do pai do seu socio-gerente sr. José da Cunha Torres Fernandes, realizando-se o seu funeral amanhã, em São Paio de Merelim (Prado) Braga.

PRADO - BRAGA

José Joaquim Fernandes

FALECEU

A firma **A. C. Torres Fernandes** e a delegação em Lisboa dos **Laboratorios Kevel,** cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do pai do seu socio-gerente, sr. Antonio da Cunha Torres Fernandes, ocorrido em Prado (Braga), onde amanhã se efectuará o funeral; pelo que os seus escritorios se encontram encerrados.

TAPETES PORTUGUESES

Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais*—Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

PRADO - BRAGA

José Joaquim Fernandes

FALECEU

Maison F. Mathieu, participa o falecimento do pai do seu delegado em Lisboa, sr. Antonio da Cunha Torres Fernandes, ocorrido em Prado (Braga) onde amanhã se realizará o funeral.

O «SECULO» DEDICA PELA PRIMEIRA VEZ

o seu artigo de fundo

a uma grande obra de cinema

Estranhou-se, e com razão, que «As ruas de Nova York», obra prima de extraordinario humanismo, a ultima palavra do cinema americano, tivesse saido, subitamente, do «écran». Porquê? O publico entusiasmado com essa notabilissima produção, que nos desvenda os misterios dos bairros pobres da orgulhosa cidade dos arranha-ceus, considerou esse desaparecimento inexplicavel como um crime. A propria critica que, unanimemente, saudou essa obra de genio, deve tambem ter ficado surpreendida. Chegou-se mesmo a falar num êrro do empresario José Loureiro, com quem falámos esta manhã, no Trindade, quando inquirimos a razão da «fuga» das «Ruas de Nova York». Limitou-se a sorrir, com um certo ar de misterio—intraduzivel. No entanto, apontou-nos para o cartaz do Trindade. Em letras gigantescas anuncia-se para o proximo sabado «As Ruas de Nova York». Demos-lhe os parabens, contentes como o publico, tanto mais que o filme já saiu nos jornais, do puro aspecto da critica, para a questão social. Ontem, «O Seculo», num editorial que fez sensação, fazia uma analise da obra a duas colunas, com uma rara veemencia elogiativa. Diz, por exemplo:

«*Deenrola-se a obra arripiante* (Ruas de Nova York) *num ambiente de opulencia e de miseria. Ao lado dos palacetes modernos da imensa cosmopolis americana erguem-se os sordidos casebres dos bairros onde, em todos os vastos aglomerados humanos, a miseria se acoita, com todas as suas baixezas, ignominias, ausencias de resistencia moral, crápulas originadas pela fome, vadiagens infantis, provenientes de abandonos, que pela sua infinita pobreza dão a impressão de resultar duma invencivel fatalidade. Aquelas ruas e bêcos imundos, aqueles pardieiros onde formiga uma humanidade amputada de todo o ideal, seja ele qual fôr; aqueles recantos de vicio e de treva não passam de fecundos laboratorios, onde os germes do crime pululam e os criminosos se formam a pouco e pouco, insensivelmente, como se para isso apenas tivessem nascido os que o monstro arrebata para as suas hostes*».

E depois, mais adiante:

«*Revela ainda* Ruas de Nova York *o espantoso desequilibrio social existente na maior e na mais forte das democracias contemporaneas. Ao lado dos bairros desolados, debruçados sobre os canais de denegridas aguas, colmeias onde se empilha uma humanidade em luta com todas as privações, de estomago vasio de carnes mal cobertas por imaginaveis farrapos, de alma encortiçada pela amargura eterna ou pela morte da passageira felicidade, vive a opulencia sem limites, como flôr enorme e belissima que só se alimentasse com o humus dos monturos. Sob este aspecto, o filme atinge as proporções satanicas dum simbolo. A Republica Norte-Americana é territorialmente tão grande como a Europa. Possui recursos infinitos, que lhe permitiam dar pão a todos os seus habitantes, cercá-los de tudo quanto o animal humano necessita para não se sentir deminuido na sua dignidade*».

E fecha, com estas palavras candentes:

«*E' uma copia do natural. E' a reprodução exacta de quadros e de sentimentos, de fisionomias e de aspectos, de almas e de vicios de realidades e de monstruosidades, que mancham indelevelmente o meio social em que se ostentam. A democracia americana sofre com essa extraordinaria e acusadora obra de arte. O seu realismo faz doer. Deve ser por isso que ha nela tanta beleza e tanta humanidade*».

TERMINARAM HOJE NO CARAMULO

os "Dias Medicos"

que alcançaram pleno exito

O corpo clinico da estancia do Caramulo rodeado pelos conferentes

(Do nosso enviado especial)

CARAMULO, 14.—(Pelo telefone).—Após uma noite de discursos até então banidos destes «Dias Medicos», e que serviram para agradecer ao sr. dr. Jerónimo de Lacerda o reconhecer o valor do sr. dr. Manuel Tapia—noite que terminou no cinema do sanatorio, onde se exibiram documentarios da obra do Estado Novo—realizaram-se hoje as duas ultimas palestras da serie: a do dr. Carlos Guedes, que disse do valor da radiologia no tratamento da tuberculose pulmonar, e a do dr. Pinto Nunes, que comunicou resultados de tratamentos com sais de ouro.

Ambas foram, como as anteriores, escutadas com visivel interesse, pelas três centenas de medicos e estudantes de medicina que vieram aqui assistir a estes «Dias Medicos», que a todos deixam gratas recordações e dos quais nos ocuparemos mais pormenorizadamente do que neste telefonema necessariamente breve, pela afluencia de quasi três centenas de pretendentes a outras tantas ligações. O regresso dos congressistas inicia-se esta tarde.

Vicente Barrera

O inconfundivel "diestro„ volta ao toureio, no Domingo de Pascoa, no Campo Pequeno, e com ele alternará o valente matador Pepe Amorós

João Nuncio dará alternativa aos seus novos colegas **Fernando Salgueiro** e **D. Vasco Jardim.** Nessa tarde serão lidados toiros espanhois dos "ganaderos„ Infante da Camara e Joaquim Mendes Nuncio.

Começou hoje a venda de bilhetes nos Restauradores

OMEGA

Novo «record» mundial de precisão com 97,8 pontos

no concurso internacional de cronometros 1936, no **Observatorio de Teddington** (maximo teorico 100 pontos)

OMEGA

detinha o «record» mundial de precisão com 97,4 pontos desde 1933

Com a máquina **BOB de ZEISS IKON** é facil de fazer boas fotografias. O manejo simples e a focagem pelo sistema de dois pontos permite fotografar rapidamente.

Bob 6×9 com objetiva anastigmatica 1:7,7 ..... 225$00
Bob 6×9 com objectiva anastigmatica 1:7,7 e disparador automatico ..... 265$00
Bob 4×6,5 com objectiva anastigmatica 1:6,3..... 310$00

A' venda nas casas da especialidade.

Agencia Zeiss Ikon: Gustavo Triebs, Ld.ª
Caixa Postal 437 LISBOA

CARTAZ

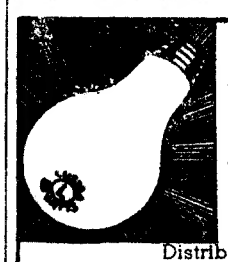
TEATROS

AVENIDA—A's 20 e 45 e ás 23—«O Pateta Alegre».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 23—«O Pardal de S. Bento».

CINEMAS

S. LUIZ—A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
TRINDADE—A's 21 e 30.
CONDES—A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 30.
COLISEU—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
JARDIM CINEMA—A's 21.
LYS—A's 21 e 15.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—A's 14 e 30 e ás 21.
PALACIO—A's 21 e 30.
PARIS—A's 21 e 30
POLITEAMA—A's 21 e 30.
REX—A's 21.
ROYAL—A's 21.
SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.

VIDROS
PUNKTAL
"ZEISS"
Ha sempre bom sortido no
OCULISTA DO CHIADO
Ramos & Silva, Sucs.
R. Garrett, 63—LISBOA



UMA LÂMPADA PERFEITA

As lâmpadas LUSTRA têm grande rendimento luminoso, uma duração média de 1.000 horas e são fabricadas com extraordinários cuidados para serem isentas de defeitos e terem a máxima resistência. Experimente-as.

Distribuïdores:
António José Fernandes, L.da
44, Rua dos Remolares, 48—LISBOA

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARTOIS, 211 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO

CARPETES DE CAIRO
Em todas as dimensões, desenhos e côres, ultimas novidades.
Exclusivos da Casa das Mobilias Alentejanas e Modernas.
249, Avenida da Madalena, 251 Tel. 26536

O conflito do Chaco

LA PAZ, 14. — A Bolivia rejeitou a proposta da conferencia de paz de Buenos Aires, tendente a solucionar o conflito do Chaco por meio de negociações directas entre a Bolivia e o Paraguay. A opinião publica boliviana acolheu mal a proposta que previa a solução do conflicto, baseada na posição actual dos exercitos boliviano e paraguaio. Os antigos combatentes dirigiram ao ministro dos Estrangeiros uma nota declarando-se prontos a pegar novamente em armas se isso fosse necessario, para defender os direitos da Bolivia no Chaco. Anuncia-se que se não se chegar a um acôrdo directo o conflito será submetido ao tribunal de Haia.—(Havas).

A economia norte-americana

WASHINGTON, 14. — Roosevelt assinou a lei autorizando a «Reconstruction Finance Corporation»—organismo encarregado de apoiar o mercado financeiro e que pode conceder á industria e empresas de trabalhos publicos emprestimos a longo prazo até ao total de 1.500 milhões de dolares.—(Havas).

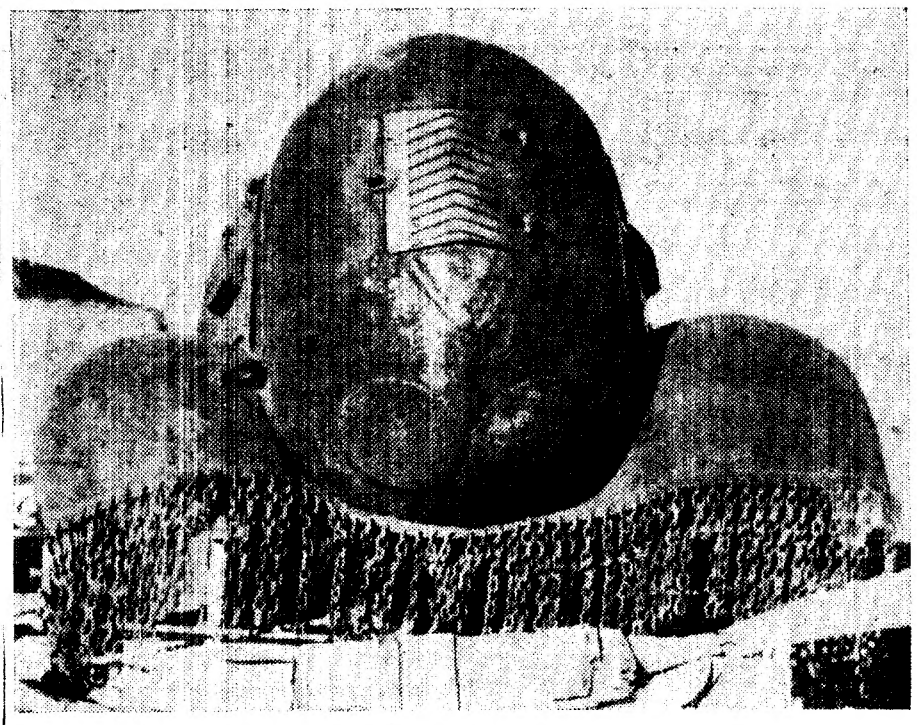
AERONAUTICA

Desastre em Italia

ROMA, 14. — Um avião militar esmagou-se no solo perto de Serravale. Três membros da guarnição morreram e o quarto—o mecanico—ficou ferido. —(Havas).

NORMAS DE MORAL
Novo livro com lições da vida e a educação pelo exemplo. Leituras para a formação do caracter. Livro que todos devem ler. Brinde muito útil. Preço 8$00. Cobrança 9$00. Em todas as livrarias. Depósito: Bertrand, R. Garret, 73 e 75.

A GUERRA MODERNA



Este monstro disforme é um automovel blindado russo tomado pelos nacionalistas nos arredores de Lerida

A GUERRA SINO-NIPONICA

As baixas japonesas

HONG-KONG, 14.—Segundo informações de fontes japonesas, o tenente-general Rensuke Isogai, comandante duma divisão niponica, foi morto recentemente na batalha de Taierch Wang. Isogai fôra anteriormente director duma repartição do ministerio da Guera japonês e era um entusiastico partidario da conquista militar da China.

Por outro lado, de Hankeu informam que de 3 a 25 de março morreram no Xansi, segundo informações dos circulos militares, 15.000 soldados japoneses pelo menos.—(Havas).

A tensão russo-niponica

LONDRES, 14.—De Changai comunicam á Reuter: O consulado sovietico informou o departamento de turismo de Changai de que não põe actualmente o visto nos passaportes de viajantes que desejem atravessar a Siberia. Os circulos bem informados sugerem que a atitude dos sovietes obedece a um unico fim: o envio de novas tropas para a Siberia em consequencia da tensão que existe actualmente entre a U. R. S. S. e o Japão.—(Havas).

AS GREVES EM FRANÇA

PARIS, 14. — O conflito da metalurgia evolui para o apaziguamento. Para que se ponha em ordem um certo numero de oficinas nas fabricas aeronauticas, 3 delas decidiram ontem adiar o restabelecimento da actividade normal. São as fabricas Bleriot, de Suresnes; Potez, de Sartrouville, e Liore e Olivier, do Argenteuil. Funcionaram esta manhã, tendo-se a entrada dos operarios efectuado sem incidente. Nas fabricas Renault, de Billancourt, e Citroen, a situação continua sem alteração.

O conselho restrito reunir-se-á esta tarde, ás 15 horas, na presidencia do Conselho. Ocupar-se-á dos conflitos sociais. — (Havas).

TAUROMAQUIA

Simão da Veiga

O vapor «Saturnia», que conduz Simão da Veiga, deve atracar ao cais de Alcantara no proximo domingo, a uma hora muito matutina.

Por tal motivo, a comissão promotora do banquete em sua honra, que fretou um vapor para o ir esperar á barra, pede-nos que avisemos as pessoas inscritas para o banquete de que a ida á barra depende da hora definitiva da chegada do «Saturnia».

Logo que saiba a que horas chega aquele paquete, a comissão dará conhecimento aos admiradores de Simão da Veiga, por intermedio dos jornais da tarde de sabado, e dos placares do Rossio, se o rebocador fretado vai ou não á barra.

Brindes da Pascoa
Colares de perolas, pulseiras, broches, aneis, brincos, etc., em platina ou genero antigo desde o mais modesto ao de maior valor. PREÇOS MODERADOS.
JOALHARIA LORY — Rossio, 40

AGUA DAS LOMBADAS
Agua quimicamente purissima, pouco mineralisada e fortemente gazo-carbonica
(conclusão da analise feita pelos serviços Laboratoriais da Junta Geral de Ponta Delgada)

Na prisão de ventre
DRALAX

Preferi sempre o relogio

ETERNA
Maravilha da tecnica
Nas boas relojoarias e ourivesarias

Para AUTOMOVEIS
Baterias U S L — Velas GLOPE
Correias DAYTON
AUTO GERAL
175-R. Eugenio dos Santos 177 - Tel. 24051

HOTEL INTERNACIONAL
No coração da cidade, a 2 minutos da Estação do Porto (S. Bento) e a 10 metros da Praça da Liberdade. Ao lado da Garagem Comercio do Porto
Rua do Almada, 131 PORTO Telefone, 5032

CAMILO FARINHAS, L.DA
Fornecedor de lenhas e carvões de todas as qualidades, por grosso e a retalho.
ENTREGAS AOS DOMICILIOS
Depositários gerais do carvão de coke da Companhia do Gas na linha de Cascais
Sede: Estrada Nacional — ESTORIL
Telefone 49 Estoril

PAPEIS PINTADOS, FAZENDAS E ETAMINES
ULTIMAS NOVIDADES A PREÇOS EXCEPCIONAIS
MIGUEL DOS SANTOS, LTD.
102 — RUA NOVA DO ALMADA — 104 Telef. 2 5601

Togal
CONTRA OS RESFRIAMENTOS
GRIPES, CONSTIPAÇÕES
TOGAL é o remedio de resultados mais seguros. Pode ser tomado com tôda a confiança em qualquer idade pois é inofensivo. Actua rapidamente sem causar prejuizos. TOGAL ataca directamente a origem do mal.
A venda em tôdas as farmacias. Frasco, 10$00. Frasco triplice, 22$00.
É um produto da Togalwerk Zürich

Brindes
Visitem a exposição das
ARTES DECORATIVAS
Chegaram os mais lindos artigos para
Brindes

Artes Decorativas
RUA DO OURO

Supersom
- DA -
EMERSON RADIO CORP.
Ouçam! Examinem! e Confrontem
O melhor receptor da T. S. F.
Rua da Conceição, 35-1.º

ULTIMAS NOTICIAS

VEEDOL MOTOR OIL

O MOMENTO INTERNACIONAL

Importantes negociações anglo-francesas

Daladier vai visitar Chamberlain

antes de Hitler chegar a Roma

PARIS, 14. — O «Figaro» crê que Daladier, presidente do Conselho, e Bonnet, ministro dos Negocios Estrangeiros, se encontrarão em Londres, no dia 22 de abril, com Neville Chamberlain. —(D. N. B.).

A importancia das proximas conversações franco-britanicas

LON RES, 14. — O «Daily Mail» e o «Daily Express», apesar das suas tendencias isolacionistas, referem-se esta manhã com confiança ás possibilidades dum estreitamento de relações sob o ponto de vista tecnico e dum entendimento franco-britanico, por ocasião do encontro entre os ministros dos dois países.

O redactor diplomatico do «Daily Express» escreve que «está actualmente elaborado o projecto pormenorizado duma cooperação tecnica que equivale, de facto, a uma verdadeira aliança entre os três serviços da defesa nacional da França e da Inglaterra. Três ministros franceses, que serão provavelmente Deladier, Bonnet e Chautemps, devem vir a Londres dentro de 15 dias, para discutir com Chamberlain, lord Halifax e o ministro inglês da Defesa Nacional. Em caso de perigo—refere o mesmo jornal—a Marinha de Guerra francesa assumiria a responsabilidade de certos sectores, ao passo que a esquadra britanica se encarregaria da defesa de outros, utilizando livremente, se fôsse necessario, os portos franceses. Quanto á defesa aerea—diz ainda o jornal em questão—já começaram as conversações e só resta aos ministros dos dois países ultimar as negociações tendentes a permitir aos aviões ingleses que se sirvam dos aerodromos franceses. As fôrças dos dois países constituiriam um todo que manobraria, tanto na defesa como no ataque, segundo um plano geral de coordenação. Vai ser igualmente discutida a questão do comando supremo.»

Por seu turno, o redactor diplomatico do «Daily Mail» diz: «Se o governo francês deseja uma colaboração mais estreita com a Grã-Bretanha no que respeita ás questões militares pode ter a certesa de que o governo inglês está animado de identico desejo.»

Os dois jornais acima referidos fazem suposições quanto á data em que os ministros dos dois países poderiam encontrar-se. O «Daily Express» sublinha que Daladier deve receber no dia 21 de abril em Paris o ministro da Guerra britanico de regresso da sua viagem a Roma. O «Daily Mail» pensa que a reunião deve efectuar-se depois da aprovação do orçamento britanico fixada para 26 de abril, mas antes da reunião do Conselho da S. D. N. e da visita de Hitler a Roma. Segundo aqueles jornais, o local da reunião deve ser Londres. Contudo, o correspondente parisiense do «Times» não exclui a possibilidade dos ministros ingleses se deslocarem até Paris.—(H.).

O acôrdo anglo-italiano será assinado no sabado

LONDRES, 14. — O primeiro ministro declarou esta manhã, na Camara dos Comuns, que esperava que o acôrdo anglo-italiano seria assinado no sabado. Esta declaração põe têrmo ás informações contraditorias recolhidas nos circulos bem informados desde o principio da semana sôbre a natureza do acto que constituirá o termo das negociações de Roma. Havia-se, com efeito, indicado sucessivamente que o pacto seria assinado e depois simplesmente rubricado.

O facto de serem as assinaturas que se trocarão no sabado entre lord Perth e o onde Ciano explica-se—diz-se nos circulos politicos—pelo caracter preciso que foi possivel dar á reserva, que subordina a entrada em vigor dêste acôrdo á retirada dos voluntarios italianos da Espanha.

Chamberlain declarou esta manhã, na Camara dos Comuns, que Hore Belisha partiu hoje para Malta. No seu regresso irá a Roma, onde fará uma visita de cortezia ao chefe do governo italiano.

O deputado trabalhista Fletcher preguntou então ao primeiro ministro se tal visita não tinha significação politica. Chamberlain respondeu que não.—(Havas).

Os americanos estão resolvidos a manter a paz—afirmou Roosevelt

WASHINGTON, 14—Por motivo do «Dia pan-americano» Roosevelt pronunciou um discurso no gabinete do director da União pan-americana, em que prestou homenagem aos países do continente americano, que defenderam os ideais de liberdade e democracia. O discurso foi radiodifundido por todas as estações americanas.

21 republicas americanas—disse—oferecem ao resto do mundo a prova de que a justiça e o direito podem substituir-se á força; de que o recurso á guerra como instrumento de politica não é necessario; de que as divergencias internacionais de todos os generos podem ter solução por meio de negociações pacificas; e de que o respeito pela palavra dada oferece um sistema de segurança. 300 milhões de americanos não são diferentes dos outros homens. Temos os mesmos problemas, as mesmas dificuldades e as mesmas origens de controversias que por toda a parte. No entanto, estamos firmemente resolvidos a manter a paz. A paz não será posta em perigo por disputas na nossa familia e não permitiremos que seja posta em perigo por uma agressão vinda do exterior do nosso territorio. Este objectivo comum a nós todos forma a base constante da conservação do entendimento internacional—unico no mundo.

Roosevelt referiu, em seguida, que o sistema democratico foi sempre o ideal das republicas americanas.

Agora devemos provar—disse—que os principios estão vivos, dinamicos e produtivos. O direito e a etica internacionais não são sinais de fraqueza, mas sinais da força serena e da confiança no nosso fim e da nossa potencia de manter a independencia e a democracia.

Aprovou a conferencia de Lima, que oferecerá o ensejo para novas discussões pan-americanas. O povo dos Estados Unidos—disse—pôde ouvir a mensagem do meu amigo o presidente da Argentina. Alguns dias depois ouviu o discurso do ministro dos Negocios Estrangeiros do Brasil, que tiveramos o privilegio de o ter em Washington como embaixador nos ultimos três anos. As suas palavras foram aplaudidas em todos os lares americanos. O nosso ideal é a liberdade democratica. O nosso instrumento é a honra e a amizade, o nosso metodo é a maior compreensão, a nossa base é a confiança. Assim com esforços comuns salvaguardamos no mundo as nossas liberdades e construimos a nossa civilização para o progresso da Humanidade no mundo.—(Havas)

Churchill vai falar

LONDRES, 14. — Winston Churchill falará numa serie de comicios que se realizarão na provincia durante o mês de maio sob os auspicios da União pró-S D. N. e novo «commonwealth». O primeiro dêstes comicios realizar-se-á em Manchester, a 9 de maio, e os outros em Sheffield. Birmingham e Bristol. Apoiarão a politica de rearmamento da Grã-Bretanha e reclamarão a conservação da liberdade e da paz de acôrdo com o pacto da S. D. N.—(H.).

A CORRIDA DOS ARMAMENTOS

A Inglaterra vai comprar 500 aviões

ás fabricas norte-americanas

e a França activa as construções aeronauticas

LONDRES, 14. — O «News Chronicle», em noticia de Nova York, crê que a Grã-Bretanha deseja comprar 500 aviões americanos. Depois acrescenta: «Actualmente, não se sabe ao certo se o governo britanico pretende comprar aviões completamente apetrechados ou apenas as carcassas onde se montariam depois motores ingleses. No primeiro caso, a encomenda inglesa deve orçar por 5 milhões de libras; no segundo, por 3.700.000.

O «Neutrality Act» não afectaria, por outro lado, o Canadá, o que tornaria sempre possivel as substituições. Consta que no fornecimento daqueles aviões figuram cinco grandes firmas americanas: «Boeing», «Douglas», North-American Glenn», «Martin Curtiss» e «Wright».—(Havas).

O desenvolvimento das construções aeronauticas francesas

PARIS, 14. — O ministro do Ar, Guy La Chambre, fez ontem perante a comissão da aeronautica uma exposição a respeito das construções e das actividades actuais do seu departamento. Tratou principalmente do problema dos materiais a empregar, isto é, madeira ou duraluminio. Referiu-se á capacidade de rendimento das principais fabricas de material aeronautico e aos esforços realizados para o melhorar. Expôs igualmente as dificuldades com que luta a descentralização industrial das fabricas de material de aviação pelo facto de á mão de obra especializada repugnar deixar os grandes centros industriais, especialmente os arrabaldes de Paris. Precisou depois varias providencias tendentes a remediar tal situação, salientando a reeducação dos desempregados.

No fim da reunião a comissão publicou um comunicado em que «felicita o ministro do Ar pelo seu programa e iniciativas, especialmente as que tendem a dotar o Exercito do Ar com materiais que as circunstancias externas impõem.»

A comissão entende assim responsabilizar-se com o ministro do Ar pelo programa que é necessario adoptar para fazer face á situação actual.—(Havas).

O programa naval da França

PARIS, 14. — O ministerio da Marinha comunicou que Campinchi conferenciou ontem com Blanche, deputado e «maire» de St. Nazaire, acêrca da rapida construção das ultimas unidades do programa naval de 1937 e das do actual programa complementar. O ministro da Marinha e o antigo sub-secretario daquele ministerio estudaram atentamente todas as questões relativas áquele importante assunto.—(Havas).

O rearmamento dos Estados Unidos toma maior vulto

WASHINGTON, 14. — O departamento da Marinha modificou o pedido de creditos para o programa naval actualmente em estudo na comissão de marinha do Senado e elevou o seu total a mais de um bilião e 250 milhões de francos contra um bilião e 121 milhões aceito pela Camara dos Representantes. O aumento foi devido aos pedidos de aumento do tamanho dos couraçados, cujo custo está avaliado em 60 milhões de francos, ao aumento da tonelagem de 2 porta-aviões, ou seja 21 milhões, e á construção de 11 navios auxiliares, de 50 a 70 milhões. O departamento da Marinha pede a deminuição de 15 milhões destinados á expêriencia de inventos novos.

Os meios navais aeronauticos de Washington—informa o «News Times» —entendem que a Grã-Bretanha poderá facilmente adquirir nos Estados Unidos «em quantidade consideravel» todos os aviões de guerra que lhe sejam necessarios. Os mesmos meios frisam em resposta á declaração feita na Camara dos Comuns que as encomendas a executar pelas fabricas americanas, incluindo as do exercito, estão longe de atingir os limites da possibilidade de produção dessas fabricas. —(Havas).

Defesa de Londres contra ataques da aviação

LONDRES, 14.—As autoridades do porto de Londres estão a preparar um plano completo de protecção aos serviços administrativos e dos pontos importantes daquele porto contra os bombardeamentos aereos. Já se alistaram nas brigadas especiais de bombeiros mais de 200 operarios do porto de Londres.—(Havas).

NOTICIAS DE MOÇAMBIQUE

Assistencia aos indigenas

LOURENÇO MARQUES, 14.—Na distribuição da verba inscrita no orçamento do ano corrente para assistencia medica aos indigenas foi atribuida a importancia de 2.000 contos para a construção duma enfermaria modelar do hospital dos indigenas desta capital e 1.000 contos para reparações nas enfermarias regionais e postos sanitarios, gafarias e manicomio indigena. Ha ainda outras grandes dotações para o hospital de Quelimane e serviços de combate á doença do sono nos distritos de Tete, Moçambique e Porto Amelia.—(S. P. N.).

A VIAGEM PRESIDENCIAL

ás colonias de Africa

LOURENÇO MARQUES, 14.—Toda a colonia de Moçambique, através das suas colectividades e dos seus valores individuais, aprova, incondicionalmente, o convite dirigido ao governo pela Camara Municipal desta cidade, por intermedio do governador geral, para que se torne extensiva até esta provincia a visita dos srs. Presidente da Republica e ministro das Colonas, a Angola e a São Tomé. A União Nacional de Moçambique e as associações regionalistas telegrafaram já nesse sentido e as associações economicas e desportivas preparam identica manifestação, de maneira a nela participarem os organismos vitais da colonia.—(S. P. N.).

NEGRESCO
Restaurante
Todos os dias **Salmão, Trutas** e **Lampreias.** O melhor cosinheiro. Tel. 29583

TUMULTOS EM FRANÇA

PARIS, 14 — O govêrno ordenou que aos grevistas fossem distribuidos os elegantes chapeus **Ródio** a-fim-de terminarem imediatamente as gréves. **Ródio**, a ultima palavra. R. da Palma, 159-A.

Teatro Nacional
Hoje e amanhã não ha espectaculo
Sabado de Aleluia e Domingo de Pascoa, reaparição da consagrada peça
RECOMPENSA

PASCOA
O **Palace Hotel do Buçaco, Hotel Astoria, de Coimbra,** e **Palace Hotel da Curia,** durante as Festas da Pascoa, fazem **preços e condições especiais.**
Informações e reservas:
ROSSIO 108, 2.º — *Telefone 2 7450*

APONTAMENTO LITERARIO

As pombas de Santa Margarida

paginas soltas de dois capitulos de uma novela inedita

por Norberto de Araujo

Transcrevo em Quinta Feira Santa de 1908, e—em memoria—dedico á exm.ª sr.ª D. Branca de Gonta Colaço.

Na Aldeia do Crucifixo, férias grandes de 1908.

Nas férias seguintes João foi encontrar a casa do Cabeço fechada, e um alvoroço na terra, misterioso alvoroço de que se apercebeu apenas por vagos indicios, como um rumor longinquo que viesse dum arraial, no Rossio de Abrantes. Tia Lucia e o Padre Anastacio lá estavam na casa do Canto, onde a horta ia esmaltada de verdes, e as lombas do vinho estavam pejadas de sangue, em bagos. O aparecimento de João, agora mais alto, mais forte, já com jeito de padre—animou a avó, que se sentiu reviver. E correram os dias sem que João preguntasse como foi aquilo da morte subita do pai, e o que se fazia agora da tapada do sul. Auxiliava o padre velho nos serviços da igreja, ia com ele, cada um em sua cavalgadura, nas jornadas pela freguesia, e á noite, depois da ceia, era certo: os Evangelhos. Nele estava tudo: a filosofia, a teologia, a raiz fecunda e gloriosa do cristianismo. Já o padre Anastacio se deixava dormir sôbre os comentarios de Santo Atanazio, e ainda João compulsava, profundava, bebia a seiva pura da doutrina de Cristo, através as narrativas dispares dos evangelistas.

Uma manhã, em que foi com a avó á baixa da horta grande, sobraçando um cesto para os frutos que caíam de maduros, numa reminescencia da sua criancice, lembrou:

—E a Rosa? E' verdade. A Rosa?

—A Rosa...

E a tia Lucia suspendeu. Ele tambem não insistiu. A avó ficou em baixo, e ele trepou á arvore. Na volta é que ele, quasi indiferente, retorquiu:

—Mas não me disse o que é feito da Rosa.

—Filho...

—Morreu?—preguntou naturalmente.

—Pois tu, filho, não sabes nada?

João ficou á espera.

—A Rosa fez uma doidice. O filho do juiz de Abrantes, o Paulo do Rio de Moinhos, meteu-lhe palavras bonitas na cabeça, que casava com ela; deu-lhe volta, a ela só com a tia muito tinôca, naquele deserto do Crucifixo—uma desgraça. Raparigas, filho, raparigas dêsle tempo.

—Morreu?

—Não, não morreu. Está lá no Crucifixo, escondida mais a sua vergonha.

—Mas o que aconteceu, avó?

—Pois não entendes, filho? Ora tu...

—Não quis casar, é o que foi. A bem dizer, avó, os pobres nasceram para os pobres. Talvez ela tivesse feito bem.

—Mas não é isso. A Rosa bem se fiou nas palavras do Paulo e...

A tia Lucia limpou uma lagrima.

—Mas isso que mal leva? Derriçam-se? Casam. Foi sempre assim.

—E' que...

Estavam chegados. Padre Anastacio, da janela, mangou um sorriso disfarçado.

—O' Padre novo! Para confessar estou cá eu.

E a tia Lucia só teve tempo de dizer ao neto:

—O rapaz fugiu para os estudos, e agora, depois de feito o mal...

—Qual mal, avó?

—... Ri-se dela. Os homens são uns demonios vivos.

E benzeu-se. Em cima, enquanto João espalhava as maçãs pelas mesas, «para dar cheirinho á casa», Lucia segredou ao padre velho: «não sabe nada da historia da Rosa». Padre Anastacio encolheu os ombros. A' tardinha, quando os bois do Oliveira voltavam das barcas, João disse ao padre:

—Padrinho, vou até ao Crucifixo. Está calma e gosto de andar a pé.

—E que vais lá fazer? O vinho por lá está rico, mas é cedo para o ires vindimar. Vais distribuir placas. Pois Deus te leve.

—Vou vêr a Rosa.

—Coitadinha! Ainda anteontem lá estive. Deus lhe perdôe.

—Mas, lá por isso... O Paulo não casa este ano casa para o outro. Derriçar um moço rico, não é crime. E ela é uma boa rapariga, pois não é?

—O Paulo é que não é boa prenda. Fugiu para oimbra, não volta mais. Ela foi tola... foi tola...

—Tola? Pois eu falarei com o de Rio de Moinhos e tudo se ha de compôr. Ora, tola...

—Eu não te posso dizer mais nada, João, e para a confessares ainda é cêdo.

João, no Crucifixo, bateu á porta com os nós dos dedos. Havia á roda dele um certo espanto, de que o levita se não apercebeu.

—Quem é?—preguntou de dentro, sumida, a voz da velhota.

—Eu, o João.

Veio abrir.

—Ah! o João!

—Deus as salve. Então essa saude?

Não ouviu a velha; já muito surda.

—A saude?—gritou o rapaz.

—P'ra aqui, como velha, muito mouca. E agora...

—Então a Rosa?

A velha apontou com o dedo, num esgare de confidencia, o quarto da rapariga.

—O' Rosa. Sou eu, o João.

Nem resposta. A velha fez sinal de que insistisse.

—Sou eu. O João. Tu tambem estás mouca, rapariga?

A porta abriu-se. A Rosa apareceu, enleiada.

—Tu vens vêr-me—disse ela, a custo.

—Pois então não sou eu? Ai, Rosa! Que enfiada que tu estás!

—Tu vens vêr-me?

—Então? Isso do Paulo não tira nem põe Olha, ele não quere casar já? Pois melhor. Esperem mais um tempo, e caso-os eu.

—Tu... vens vêr-me?

—Bem sei. Já devia ter vindo. Mas... Entristeceu.

—Santa Margarida agora já não é a mesma. Parece um deserto. Meti-me lá em casa, dou umas voltas de manhã com o padrinho, e pronto. Hoje andei ás maçãs com a avó e lembrei-me de ti. Afinal qual de nós é que já não gosta um do outro?

Rosa desatou a chorar. A tia fugiu para dentro a limpar os olhos.

—Nem que morresse alguem, cachopa...

—E's tu, além da tia Lucia e do padre Anastacio, a unica pessoa que aqui vem, ha um rôr de meses. Os outros desprezam-me.

—Pois virei sempre que Deus fôr servido. Uma destas! Então porque não havia de vir? Has de casar, e ha ser nas férias, para eu assistir. E se isso do derriço se desmanchar, é o mesmo. Olha, Rosa. Tu não tens pais, eu tambem já os não tenho. Deus assim o quis. Pois faremos companhia um ao outro.

—Tu és então meu amigo?

Rosa começou a fitar o rapaz com os olhos humidos, a vêr se era bem ele, e transfigurada, sem uma palavra mais, antes que ele tivesse tido tempo para interromper o seu pasmo—lançou-se-lhe ao pescoço.

—Não me abandones agora tu. Olha que nem quando foi da minha vergonha eu te esqueci.

E isto dizia-lhe ao ouvido, para que ela propria a si se não ouvisse.

—Da tua vergonha, Rosa?

—Da minha vergonha. Eu cometi um grande pecado. Eu não estou na graça de Deus.

João afastou-a brandamente, e sentou-se sôbre o banco de tripeça que a tia deixara. Fez-se o silencio inevitavel. Rosa olhava-o abstractamente. João recordava as palavras de S. Lucas, que Cristo ha vinte seculos deixara cair da sua bôca, numa tarde de sol, que doirava as vinhas maduras de Galileia. João, alma cerrada ás coisas da terra, para quem o mundo era Santa Margarida e o Crucifixo—não entendera, de tudo quanto ouvira, senão aquela revelação «eu cometi um grande pecado; eu não estou na graça de Deus». Que pecado pudera cometer aquela rapariga? Naturalmente um pecado de amor? Mas que é o amor, afinal? E diante da sua inteligencia erguia-se um grande ponto de interrogação. Tanta coisa que os livros não dizem! «Um grande pecado». Fazia por perceber; o instinto abria-lhe uma fresta para a realidade. E S. Lucas segredava-lhe aos ouvidos versiculos maravilhosos de ternura.

Ergueu-se então e preguntou:

—E o sr. Padre Anastacio?

—E' um santo.

—Anda comigo.

—Ai, João. Isso não! Tenho medo. Tenho vergonha. Tu não sabes o que é este mundo. Eu sou mulher e ignorante, e sei mais do que tu. Era uma desgraça.

—Anda comigo a Santa Margarida.

—Não posso. Não devo. Tu imaginas lá o que por aí engendrariam as ruins bocas?!

—Ora. Anda comigo, que Deus acompanha-nos.

—Não me leves, João.

E o rapaz, levando-a pela cintura, quasi arrastando-a, logrou conduzi-la até á porta. Defronte da casa uma chusma de homens e mulheres espreitavam, esperavam, aguardavam. Foi um côro:

—Adeus, João!

—Bons olhos, João!

—Deus te salve, João!

—Boas tardes—ia respondendo, e arrastando consigo a rapariga. Eram os ricos, os remediados, os pobres, os ociosos, os do trabalho, alguns que tinham vindo como estavam no amanho das hortas, as mulheres estarrecidas, os rapazes boquiabertos, trocando palavrinhas, acotovelando-se. Só á soleira da porta, o tio João das Cruzes sentenciou, aos de mais perto:

—Ora aí está um rapaz ás direitas!

João seguiu com Rosa até á quina da venda. A' porta, o Filipe e mais a Mariana do Casal dos Ovos, que vinham da vila, davam-se as mãos, casadinhos de fresco. João saudou.

E depois:

—Vim vêr a Rosa, que é uma boa cachopa, e a quem vocês todos voltam as costas. Pois não volto eu, nem Deus Nosso Senhor.

—Oh, João, lá isso, Deus Nosso Senhor...

E a Mariana sensibilizada:

—Sim, homem, sim, Deus Nosso Senhor. Se o João o diz é que lho disse o sr. Padre Anastacio.

A Rosa, ao lado do filho, do tio Manuel do Cabeço, sentia-se forte. Tinha os olhos no chão, mas não chorava. Uma luz despontava, nas trevas daquela alma amargurada. A sua infantilidade, a sua juventude, reaapareciam. Sentia-se pura, feliz, esperançosa. De quê? Em quê? Não sabia.

E os grupos ficaram de longe, a vêlos, até que no fundo da estrada se perderam, na confusão das arvores sombrias, onde começavam a adormecer os ninhos. Chegaram a Santa Margarida—escurecia. Meteram pela estrada de Abrantes e entraram em casa do Padre Anastacio pela baixa da horta grande, onde antigamente um e outro iam aos figos lampos. Não sabemos como João justificou em casa do padre o aparecimento de Rosa. Sabemos apenas e muito bem o ficou sabendo a tia Lucia, que se concertou que Rosa nunca mais sairia daquela casa.

E nessa noite a Rosa deitou-se com um sorriso na sua fronte inocente, rezando á voz da tia Lucia, e João e Padre Anastacio não precisaram de instruir-se nos comentarios dos santos doutores.

Caminho de Santa Margarida, 1911.

As opiniões em todo o concelho estavam divididas.

—E' um santo rapaz, sincero e ingenuo—diziam os mais prudentes.—Deixá-lo viver.

—E' um padre verdadeiramente cristão—diziam outros, eivados de más leituras profanas, aos quais agradava um moço que trazia os outros reverendos «de pé atrás».

—E' um especulador da religião—sugeriam certos homens, que viam nele o desconcerto dos seus lares, onde era habitual uma discussão á hora do jantar, «por via das virtudes do sr. Padre novo de Santa Margarida».

Sumariamente, alguns limitavam-se a dizer: «deixem ver o que o homem faz, que até agora ainda não vem dele mal ao mundo». E outros: «o tal Padre João o que é—é um pobre diabo».

Uma tarde, vinha o Padre novo da festa do Rosario, do Rossio, quando na curva que deita para a ponte do caminho de ferro topou um homem que, na peugada dele vinha cavalgando, e depois de lhe passar adiante, encarou com ele, fez gesto de saudar, e se apeou.

—Boas tardes, Padre João.

—Adeus, senhor. Se bem o estou a conhecer o senhor é...

—O filho do doutor de Rio de Moinhos. Sou o Paulo.

—Ah! Não o conheci. Deus o salve! Ha quantos anos o não via! Ora, ainda eu não tinha tomado ordens menores.

—Isso mesmo.

—Vai até Santa Margarida? E apeou-se por minha causa? Trabalhos... Deus o leve em bem, sr. Paulo.

—Sr. «doutor» Paulo.

—Já se formou? Parabens. Não me tinha chegado aos ouvidos. Pois eu deito-me até lá acima a pé.

—Eu ando sempre a cavalo—respondeu o outro sobranceiro.

—Tambem tenho uma alimaria, mas não busco o jeito de cavalgar. Um padre a cavalo é como um alquilador a pé.

—Padre João, tenho que lhe falar.

—Vamos então andando, ambos a pé, visto que a minha mula ruça ficou á mangedoira a engrossar os peitos.

—O padre João tem lá em sua casa a minha rapariga... a que foi minha rapariga—desfechou Paulo.

O padre estacou.

—A sua rapariga?

—A Rosa... Não sabe você, Padre, outra coisa.

—A Rosa...

—Sim; a mãi da sua filha. Ou que dizem que é sua filha.

O padre não achou que retorquir. Ficou-se á espera, sem um assôme de irritação.

—E isto tem que ser explicado uma vez para sempre. Lá por você ser padre, não deixa de ser homem. E lá por eu não querer saber daquela doida para nada, não se segue que não precise de ouvir, tim tim por tim tim, e da sua bôca, o que a rapariga fez depois que eu me fui para Coimbra naquele ano.

O padre disse apenas:

—Vamos andando. Dê cá a reata do macho.

—Do cavalo, padre João.

Paulo era um moço do tipo, da estatura, e até da beleza fisica de João. Tinha uns olhos vivos, uma fronte ampla e, através da sua irreverencia, surpreendia um certo traço de sinceridade, impresso na sua boca que sorria, contrafeita. O padre meteu o breviario na algibeira, tomou as redeas do animal e recomeçou a andar. Talvez ele não tivesse percebido bem o que lhe acabava de dizer aquele homem que lhe saira assim ao caminho. E renovou:

—Diz o sr. Paulo então que...

—Não percebeu?

—Muito bem, não percebi...

—Então eu conto a historia...

—Oh, dr. Paulo. Eu historias não quero ouvir. Se tem alguma cousa para saber de mim, pregunte, mas cousa que se entenda logo, sem necessidade de entrar no segredo dos pecados de ninguem.

—Ah! Você, padre, não sabe dos pecados de ninguem—chasqueou grosseiramente.

—Sei dos meus, e bonda.

—O que se trata é disto: você, padre, é amante da Rosa. Muito bem; não tenho nada com isso. Mas o que eu quero que me diga é se é ou não é pai dessa criança que você não se coíbe de trazer pela mão. Mais nada!

(Vêr continuação na pagina seguinte)

As pombas de Santa Margarida

(Continuação da pagina anterior)

— Vamos andando — insistiu o padre, porque o outro parara, abrindo os braços, á espera duma indignação ou duma explicação.

— O que eu quero é que me responda — continuou Paulo.

— Vamos andando, homem...

Sérias dificuldades teria João em responder. Porque, em verdade, teria percebido tudo sem entender cousa nenhuma. E como o outro continuasse especado, o padre disse-lhe numa naturalidade desconcertante:

— Todas as mulheres em Cristo são minhas amantes, e em Cristo todas as crianças sem pai são minhas filhas. «Ninguem tem maior amor do que este, de dar um a propria vida pelos seus amigos». E' um versiculo de S. João.

— Deixe-se de evangelhos, padre. Guarde-os para as mulheres, que os não entendem. Pregunto se Isabel é ou não é sua filha?

— Porque não conhece ela, nem lhe conheço eu, pai, a tenho por filha. Cristo ma entregou e dela farei a minha ovelha mais querida. E disto não tenho que dar contas senão a Deus.

— E a mãi tambem não lhe disse quem era o pai, antes de se meter de gorra consigo?

— Paulo, cale-se! Se bem entendo o que quere dizer, cale-se, porque os seus erros não se redimem com blasfemias!

— Padre!

— Cale-se!

A sua expressão era severa e dôce a um tempo, com os seus olhos humidos, contemplativos, serenos, fixava o de Rio de Moinhos, que permanecia suspenso. Apagado que foi o sopro da sua palavra imperativa, que ficara na alma do outro como uma revelação subita, padre João, sério, parecia sorrir. Paulo não achou um unico monosilabo no seu apetrechado vocabolario, largos anos disposto para aquele encontro. Foi João quem quebrou o embaraço, dizendo:

— Monte a cavalo. Siga, senhor.

— Padre... E' verdade o que... me não disse?

— Arrependa-se. Disse Jesus: «E conhecereis a verdade e a verdade vos livrará». E' tambem palavra do Evangelista.

— Padre...

Mas o padre deixou-o ficar e retomou o caminho. Os passos do cavalo perdiam-se agora na estrada, para trás, por onde Paulo teria regressado a Rio de Moinhos.

Era quasi noite quando João chegou a Santa Margarida. No muro da horta da baixa, que dava para a estrada, ouviu uma voz que alvoroçadamente o chamava:

— João! Sr. Padre João!

Rosa dizia adeus com o lenço. A seu lado, a pequenita chamava tambem, agitando os bracitos no ar. João aproximou-se do muro e sorriu ás duas. Logo Isabelinha lhe saltou ao pescoço.

— Minha filha! — disse João — minha filha, esperavas então ha muito por mim?

— Ha bem duas horas — informou Rosa.

— Minha filha — repetia o padre afagando a pequenita que lhe metia os dedos por entre o pescoço e a volta do cabeção.

— O sr. padre padrinho já preguntou por si, — disse Rosa.

— Já? Pois vai adiante e diz-lhe que eu já cá estou. Não corras, Rosa! Ai, que tanto te recomendo que não te estafes...

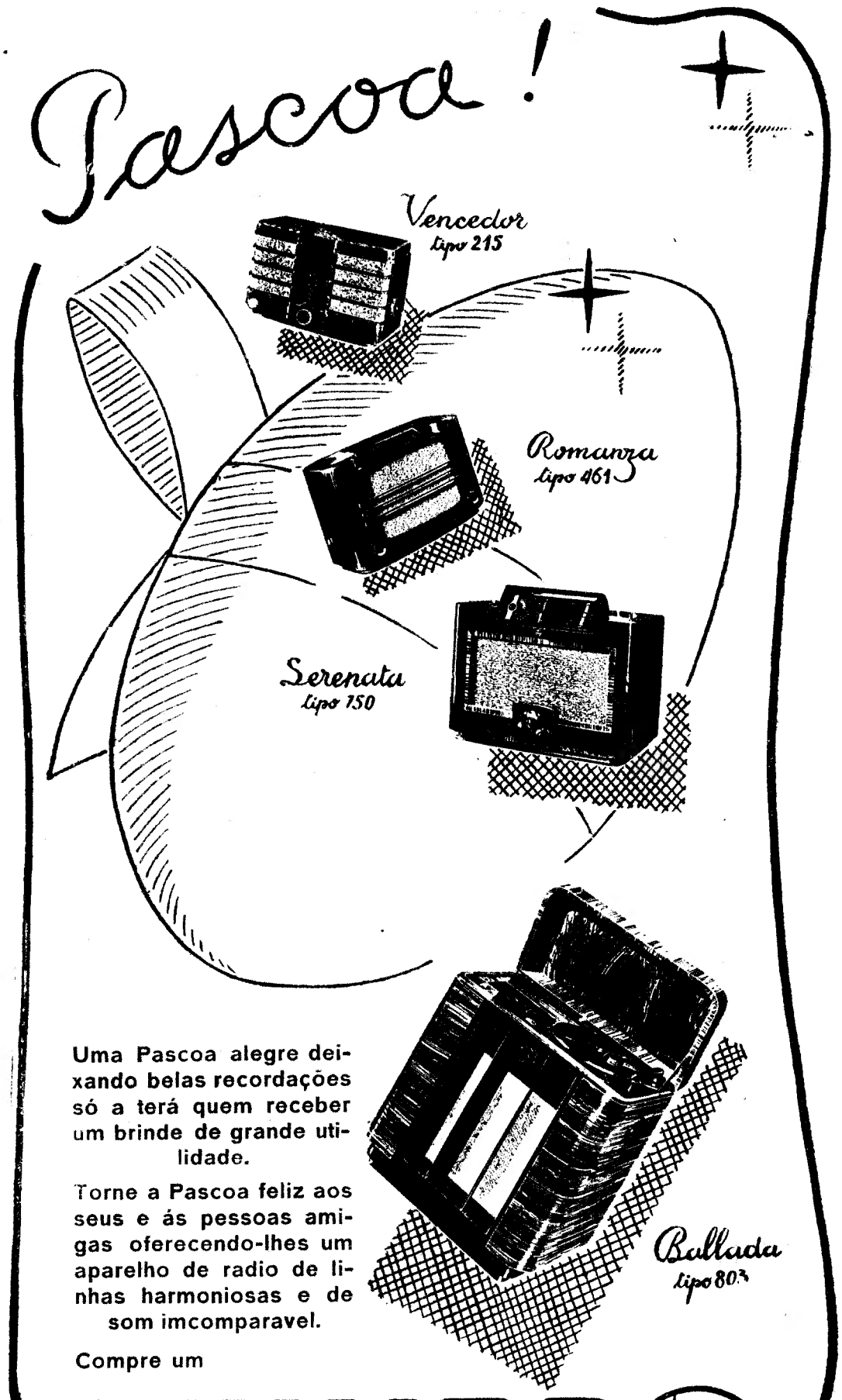
Sentaram-se todos á mesa, que já esperava. A pequena adormeceu ao colo do Padre velho. João comeu pouco. «Estava cansado», e recolheu-se cedo ao quarto.

E nessa noite Rosa apercebeu-se de que o filho do Manuel do Cabeço substituiu a leitura pela oração, esteve de vigilia até que na torre de Santa Margarida cairam as badaladas ingenuas da meia noite. A aldeia dormia docemente, e talvez a essa hora fossem aquelas duas almas, tão proximas, tão distantes, as unicas que velavam, sob um ceu rutilo de estrelas

NORBERTO DE ARAUJO

Na prisão de ventre
DRALAX

Pascoa!



Uma Pascoa alegre deixando belas recordações só a terá quem receber um brinde de grande utilidade.

Torne a Pascoa feliz aos seus e ás pessoas amigas oferecendo-lhes um aparelho de radio de linhas harmoniosas e de som imcomparavel.

Compre um

PHILIPS

+ PARTEIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Na prisão de ventre
DRALAX

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

PRODUTORES DE LEITE
Se quereis LEITE LIMPO, utilizai o
FILTRO MARCO
que vos proporcionará uma filtração RAPIDA e reterá todas as impurezas visiveis e invisiveis que o leite contenha.
O FILTRO MARCO
fara com que o vosso leite seja um ALIMENTO DE QUALIDADE para todos, velhos e novos, e UM ARTIGO DE PRIMEIRA ORDEM para o fabrico de manteiga e queijo.
Aparelho simples, sólido, eficaz e de duração ilimitada. Custo de manutenção insignificante.
Unicos Agentes em Portugal e Ilhas Adjacentes
A. SILVA & FIGUEIREDO, LTD.ª
RUA DAS JANELAS VERDES, 2 - LISBOA
Os pedidos podem ser feitos directamente ou á firma
Gonçalves & Sousa, Ltd.ª
AVª DA GLORIA, 2-A LISBOA
Aceitam-se ofertas para agentes.
Telefone 2 9603

SEMPRE QUE tenha de fazer algum seguro contra fogo, quebra de vidros ou acidentes no trabalho, deve, no seu interesse, consultar a
Companhia de Seguros «O TRABALHO»
Segura bem porque está bem segura
Rua José Falcão, 211—PORTO
Delegação em Lisboa:
J. T. Pinto Vasconcellos, Ld.ª
Praça Duque da Terceira, 24

OS VOSSOS PRESENTES DA
PÁSCOA
devem ser enviados pelo
CAMINHO DE FERRO
Aproveite os preços ínfimos da tarifa de volumes até 10 e 20 Kgs.
Informações nas estações e no Serviço do Tráfego da C. P. — Santa Apolonia — Telef. 2 4031.

Correios, Telegrafos e Telefones

Serviço telegrafico PAX

Ha já alguns anos que os C. T. T. vêm facultando ao publico nas épocas festivas, a troca de saudações em telegramas de luxo a taxas muito reduzidas.

Animada pelo manifesto agrado das pessoas que se utilizaram deste meio de correspondencia, a Administração Geral dos Correios resolveu estabelecer novamente durante a Pascoa decorrente um serviço de telegramas, cuja entrega é feita em impressos artisticos, com motivos alusivos á quadra festiva.

Assim, durante o periodo de 9 a 24 do corrente, as estações dos C. T. T. do Continente e Ilhas Adjacentes aceitam ao publico os referidos telegramas, desde que os expedidores escrevam no impresso vulgar a indicação eventual PAX e que o seu texto contenha sómente saudações, cumprimentos, felicitações, agradecimentos ou assunto que se relacione com a quadra festiva da Pascoa.

Estes telegramas apresentam as seguintes modalidades:

a) *Urbanos directos*—telegramas autografados pelo expedidor em impresso especial, destinados á área da distribuição gratuita da estação onde tenham sido depositados, ao preço de 1$00 sem limitação de numero de palavras.

b) *Urbanos*—telegramas sujeitos a transmissão, destinados a qualquer ponto da localidade servida pelas estações donde tenham sido expedidos — taxa base de 1$00 até 20 palavras e $10 por cada palavra a mais.

c) *Inter-urbanos* —telegramas sujeitos a transmissão, permutados entre as estações da rede telegrafica nacional do Continente, Açôres e Madeira e ás seguintes taxas:

—Taxa base de 5$00 por 10 palavras e 1$00 por cada palavra a mais, quando a transmissão tiver lugar entre as estações do Continente ou entre as estações da própria ilha, nos Açores e Madeira;

—Taxa base de 2$00 por 10 palavras e $40 por cada palavra a mais quando a transmissão fôr efectuada entre estações de ilhas diferentes do mesmo arquipélago;

—Taxa base de 5$00 por 10 palavras e 1$00 por cada a mais quando o telegrama fôr permutado no triangulo Continente — Acores e Madeira.

Verificamos pelos especimens de telegramas que nos foram enviados que a Administração Geral dos C. T. T. não se poupou a esforços para que os impressos deste seu serviço especial tivessem uma apresentação artistica e grafica que honrasse a arte e a industria nacionais.

Vai ser desmontado

o pôsto emissor Branco & Irmão

Do sr. engenheiro Carlos Ribeiro, administrador adjunto dos Correios, Telegrafos e Telefones, recebemos o seguinte oficio:

«*Sr. director*—Solicitando a necessaria publicidade, cumpre-me comunicar-lhe que esta Administração Geral procedeu a um inquérito sobre a conduta do posto emissor Branco & Irmão, do Porto, na execução dum peditório a favor do Asilo Profissional do Terço da mesma cidade, assunto a que se refere uma extensa local publicada nesse jornal, em 17 de fevereiro de 1938, sob o titulo «A caridade e os postos emissores».

Desse inquerito se averiguou serem completamente fundamentadas as afirmações da local referida, concluindo-se portanto que a casa Branco & Irmão arrecadou, em seu proveito proprio, uma grande parte das receitas obtidas no peditorio, facto que os contribuintes ignoravam.

Muito embora o assunto tivesse sido objecto duma combinação prévia entre o posto emissor e o Asilo Profissional do Terço, verificou-se que aquele, para conseguir o seu objectivo, recorreu a meios de persuasão inconvenientes.

Apresentado superiormente o processo de sindicancia, concordou Sua Ex.ª o Ministro com o parecer desta Administração Geral de que o pôsto em referencia fôsse proibido definitivamente de efectuar emissões de radiodifusão, devendo ser imediatamente desmontado.

A Bem da Nação— *Carlos Ribeiro*, Administrador Adjunto».

"LEGIÃO PORTUGUESA"

Comando Distrital de Lisboa

Convocam-se para comparecer neste comando distrital no proximo sabado, 16, das 17 ás 18 horas, os legionarios Gracinda Augusta Pereira, Arnaldo Cardoso de Melo e Gil Domingos Caetano.

Batalhão n.º 4

Convocam-se todos os oficiais de milicia do batalhão n.º 4 a comparecer amanhã, 15, pelas 22 horas, na secretaria do batlhão.

CADEIRA-CAMA

Patenteada, com rodas para paraliticos: outras um tanto melhor para quem tem saude. Recomendam-se pelas suas 6 belas posições de repouso **Colchoaria das Avenidas, Ld.ª** Av. Marquês de Tomar, 59. Tel. 4133

VIDA DESPORTIVA

O aniversario do Benfica

Para comemorar o XXXIV aniversario do clube, resolveu a direcção do Benfica realizar uma semana desportiva com varias das modalidades praticadas pelos seus associados.

A secção de tiro promove a disputa da «Taça XXXIV Aniversario», na carreira de Benfica, estando inscritos 70 atiradores que representam o Gimnasio, Lisgás, Soc. Tiro n.º 2, Sporting, Lisboa Gimnasio, Ateneu, Recreativo, Atlantic e Benfica. A prova iniciou-se no passado domingo e continua amanhã e no dia 17.

A secção de «rugby» faz disputar, num torneio de 7 jogadores, a taça «Arthur Herminio Costa». A prova ja principiou no passado domingo e conclui no dia de Pascoa.

A secção de «ping-pong» realiza hoje e no dia 17, á noite, na mesa da rua do Jardim do Regedor, um torneio para disputa da taça «Pedro Augusto Rocha», entre os clubes: Sporting, Matadouro, Ateneu e Benfica.

O «basket-ball», com a concorrencia do União, Carnide, Lisgás e Benfica, faz disputar a «Taça XXXIV Aniversario», nas Amoreiras, amanhã.

O atletismo promove a disputa de duas estafetas inter-clubes 4X200 e 800X400X200X100, tendo como premio aos vencedores 8 medalhas comemorativas.

No proximo domingo, efectua-se um grande festival nas Amoreiras, com o programa seguinte: ás 13 horas, meias finais de «rugby», Olivais-Benfica B e Ginasio-Benfica A; ás 14, eliminatorias de atletismo; ás 14 e 15, exibição da classe infantil de gimnastica do S. L. B.; ás 14 e 45, finais das estafetas; ás 15 e 15, final de «rugby», ás 15 e 40, desfile dos campeões do clube, nas epocas de 1934-35, 1935-36 e 1936-37, continencia á bandeira e distribuição de medalhas aos mesmos; ás 17 e 30 horas, o jogo de «football» Benfica-Belenenses.

Haverá no campo altos-falantes, para anunciar a sequencia e os resultados das provas.

GIMNASTICA EDUCATIVA

O 3.º Concurso promovido pelo Gimnasio

Esta excelente iniciativa do Gimnasio Club Português reuniu neste seu terceiro ano de realização maior numero de inscrições, que atestam o interesse crescente da prova.

No primeiro ano, 8 classes; depois, em 1937, oito concorrentes, 22 turmas, e este ano a inscrição atingiu um lote magnifico e numeroso de 28 classes. Isto marca o nitido exito dum empreendimento que todos agora compreendem util e necessario.

O concurso começará no dia 9 de maio em local que a Comissão Organizadora ainda não pôde determinar por pretender conseguir uma sala ampla, que comporte grandes assistencias.

São muitas as classes que disputarão o 3.º Concurso de Gimnastica educativa.

FOOTBALL

Campeonato da I Liga

A jornada do proximo domingo—penultima do campeonato—é a seguinte:

Em Lisboa (Lumiar:
Sporting-Carcavelinhos.
Em Lisboa (Amoreiras):
Benfica-Belenenses.
No Porto (Lima):
F. C. do Porto-Academico.
Em Coimbra (Santa Cruz):
Academica-Barreirense.

Todos os encontros têm inicio pelas 17 e 30.

Campeonato da II Liga

No proximo domingo efectuam-se os seguintes desafios da 2.ª Liga:

No Porto (Bessa).
Boavista-Leixões, ás 15 horas.
Em S. João da Madeira:
Sanjoanense-Marinhense, ás 17 e 30.
Em Lisboa (Santo Amaro):
União-Marvilense, ás 15 horas.
Em Setubal (Arcos):
Vitoria-Olhanense, ás 17 e 30.

Desafio amigavel

Realizou-se no campo de desportes do Parque Estoril um desafio amigavel de «foot-ball» entre as «équipes» dos «Onze amigos do Monte Estoril» e a do Palacio Hotel do Estoril, saindo vencedor a primeira por 8 a 0.

TIRO A CHUMBO

No Clube Português

O Club Português de Tiro a Chumbo faz a inauguração da epoca de 1938, no «stand» do Lumiar, nos proximos sabado e domingo.

Haverá um torneio mixto, nas três modalidades: «skeet», prancha e pombos.

No primeiro dia, as provas são duas. «Prova de prancha», a 30 pratos com «handicap», e «Prova de «skeet», a uma volta.

No domingo, além duma «poule» de ensaio, a um pombo, disputar-se-ão as taças «Industrias Portuguesas de Munições, L.da», «Pascoa», e «Inauguração», respectivamente a 6 pombos, 1 pombo e 8 pombos. Os premios, constituidos por trofeus, são valiosos, e para a ultima prova ha os seguintes premios pecuniarios: 1.000$00; 2.º, 800$00; 3.º, 500$00; 4.º, 400$00; e 5.º, 300$00.

CICLISMO

II «Grande Critérium» popular

O Lusitano Club Ciclista resolveu fazer disputar novamente este ano a corrida «Grande Critérium». O percurso da prova é o seguinte: Benfica (pertas), Amadora, Ponte Carenque, Massamá (Cucem, Idanha, Belas, Carenque, Ponte Carenque, Amadora, Estrada Militar, Carnide, Luz, Paço do Lumiar, Lumiar, Campo 28 de Maio (em frente da esquadra), ou seja no total de 30 quilometros. A partida será dada em Benfica, ás 9 horas.

EMISSORA NACIONAL

«Hora de Arte para Operarios»

A primeira «Hora de Arte para Operarios» realizada pela Emissora Nacional nos seus estudios da rua do Quelhas, constituiu um grande exito radiofónico. Mas o intuito da E. N. é interessar os operarios directamente nestas emissões e assim efectuá-los quanto possivel em bairros populares e em recintos que comportem elevada assistencia.

Dessa forma, a segunda «Hora de Arte para Operarios» que se efectua no proximo sabado, dia 16, ás 21 e 10 realiza-se no vasto salão da «Voz do Operario», de dimensões adequadas ao fim em vista.

Colaboram nesta «Hora de Arte», Armanda Correia e Artur Santos que interpretarão em canto e musica, algumas canções populares portuguesas de cujo harmonia Antonio Emilio de Campos, fará o comentario; o poeta Ramiro Guedes de Campos que recitará alguns poemas da sua autoria; a pianista Fernanda Pereira Valente e o sexteto da Emissora Nacional, sob a inteligente direcção do maestro René Bohet.

Para solenizar a Semana Santa, além das cerimonias religiosas que a E. N. transmite, Luiza Maria Ferreira Cardoso de Moustier realiza hoje, ás 22 horas, um recital de poesias religiosas com acompanhamento de musica sacra.

Atendendo á solenidade pascal, a Emissora só funcionará hoje das 17 ás 23 horas, e amanhã, sexta-feira de Paixão, das 17 ás 20.

CONFERENCIAS

Por motivo da solenidade do dia, foi transferida, do proximo sabado, 19, para o dia 23 do corrente, a conferencia do sr. dr. Antonio Pedroso Pimenta, licenciado em Ciencias Economicas e Financeiras e professor do Instituto Comercial de Lisboa, sob o tema «Evolução Bancaria», no Ateneu Comercial de Lisboa.

CAÇADA AOS JAVALIS

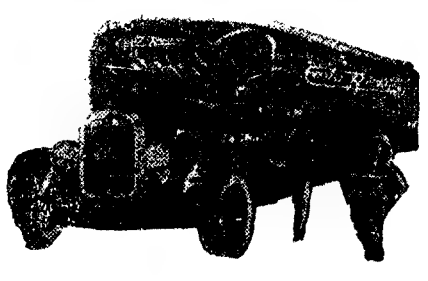
SABUGAL, 14 — Organizada pelo sr. dr. Francisco Maria Manso, realizou-se aqui uma grande caçada aos javalis. Foi abatido um lindo exemplar, alvejado outro e avistado um terceiro que passou a linha dos batedores.

Festas da Semana Santa em Cascais

Prometem ser brilhantes as festas da Semana Santa, especialmente na sexta-feira de Paixão, em que se realiza a tradicional procissão do Enterro, que se deve revestir de grande imponencia. Encorporam-se nela 3 bandas de musica e o 10.º Batalhão da «Legião Portuguesa» fará a guarda de honra.

Além das solenidades religiosas, realizar-se-á uma importante exposição de montras de estabelecimentos comerciais.

A Sociedade Estoril, além dos comboios do horario, fará os necessarios para o transporte do publico, que decerto não deixará de afluir a Cascais.



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país Carros especiais para mobilias.

Porto — *R. Guerra Junqueiro, 7* — Telef. 1854

Lisboa — *R. S. Julião, 34, 36* — Telef. 2 7209

PESCADORES

«*Sr. director*:—Li no «Diario de Lisboa» de 7 do corrente, um interessante artigo sobre os pescadores do nosso continente. Alegrei-me muitissimo ao constatar que as dificuldades de tão pobres e honestos obreiros merecem a atenção dos seus redactores.

Como filho de terra fundada por essa humilde mas honrada gente, entristeceu-me que o articulista não fizesse uma unica referencia á minha portuguesissima terra de pescadores.

Espinho, como V. sabe, foi outrora um grande centro de pesca, principalmente da bela e saborosa «Sardinha de Espinho» reconhecida como a melhor das costas portuguesas.

Hoje, infelizmente, devido aos cêrcos americanos—traineiras—está bastante reduzida a sua industria pescatoria e os «Vareiros» encontram-se numa tristissima situação. Noutros tempos, havia em laboração 5 e 6 campanhas de pesca (Barcos de remos com trabalho para 30 a 40 pessoas cada) e hoje está reduzido a uma! Uma miseria, pois a colonia pescatoria é enorme. Há casais com 7 e 8 filhos!

No momento em que se sugere a fundação de novas casas de pescadores, todos os filhos de Espinho rejubilariam com a criação da sua, que viria preencher uma lacuna, fazendo obra verdadeiramente cristã.

E, senhor Director, já que estou «com a mão na massa» permita-me que solicite o patrocinio do «Diario de Lisboa», a favor da construção dum bairro pescatorio com casitas dos modelos que o seu jornal publicou ha dias, para substituição do actual, pobre, imundo e infecto, resto tristissimo da obra rudimentar realizada pelo coração magnanimo da Excelsa Senhora D. Maria Pia—O Bairro da Rainha.

Com os meus maiores agradecimentos, desejando a V. saude, subscrevo-me.—De V. etc. —*Justo Neves*».

O «Diario de Lisboa», tanto quanto as suas forças lho permitem, estará sempre na brecha, em defesa da gente do mar.

Porque se não fundam, nos centros importantes, as casas dos pescadores?

Porque não se estuda, mas muito a serio, a construção de bairros modernos com um certo conforto e muita higiene?

Respondam a esta pregunta quantos saibam que para acudir ás incertesas da pesca nada ha de melhor que as instituições de previdencia e de defesa contra o azar.

CONCERTO DE MUSICA SACRA

na Igreja Evangelica Alemã

Hoje, pelas 21 e 30, realiza-se, na Igreja Evangelica Alemã, em Palhavã, um concerto de musica sacra, com a colaboração do distinto organista professor Filipe Rosa de Carvalho e de diversos amadores da colonia alemã.

CASINO ESTORIL

Por ser amanhã sexta-feira Santa, está encerrado o Casino do Estoril.

Pensão Liége

20c$00 e 23$00

Diária 8$00 — Almoço 4$00 — Jantar 4$50

Comer até satisfazer

Rua Bica Duarte Pelo 72— *Telefone 25860*

ELECTRO LISBOA, L.DA

Vende a prestações magnificos candeeiros electricos, receptores de radio, ferros de engomar fogões, etc.

Reparações em todas as marcas de receptores

Rua Augusta, 246-248

Telef. 2. 0568

TAMARIZ

ESTORIL

Domingo de Pascoa

Reabertura do Restaurante

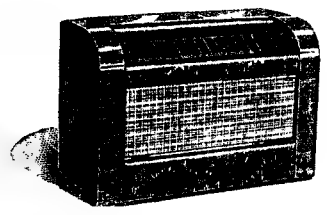
EXPLENDIDO SERVIÇO DE ALMOÇOS

Esc. 15$00

CAMBIOS

		em as
ondres	110$15	110$19
aris	$69,5	$69 6
a irid	1$ 7,6	1$37 7
ew-York	22$09.9	22$11 1
urich	5$08 7	5$08 9
oma	1$16,2	1$16.3
ruxelas	3$72 2	3$72,4
msterdam	12$28 7	12$29.4
erlim	8$88 6	8$89.1
raga	$77 0	$77.0
io de Janeiro	1$28 9	1$29,0
ibra ouro	-	—

PONTO-AZUL



ALTA FIDELIDADE MUSICAL

Grande poder de captação em ondas extra curtas

CASA AUDAK

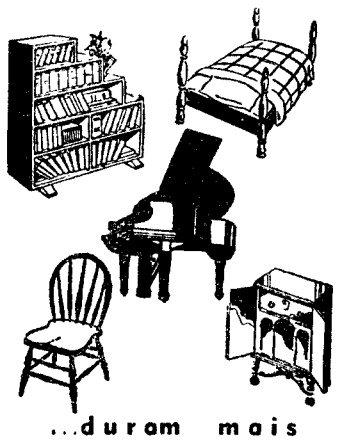
AV. DA LIBERDADE, 72-A
LISBOA

Favacau

Farinha alimenticia.
Seguro elemento para criar e restaurar as forças.
Um exclusivo d'A Mariazinha.
Peça um folheto com indicações.
Cada quilo 6$00.

A Mariazinha
Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á igreja de S. Domingos)

Os móveis pintados a DUCO



...duram mais
...realçam mais

DUCO valorisa os móveis — quer sejam de madeira ou de metal —, dá-lhes maior realce e permite-lhes resistir aos choques e pancadas.

Os móveis de madeira ficam com uma superficie lustrosa que não desvanece nem estala.

Aos móveis de metal, DUCO reveste-os com uma espécie de película rija, impermeável e flexivel.

DU PONT

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138—LISBOA
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216
PORTO

HAVAS

Colchões

De arame e divans com molas. Fabrica A Lisbonense. R. José Antonio Serrano, 3, (junto ao Hospital de S. José).

BRINDES

os mais baratos
os mais valiosos para a

PASCOA

são os que se compram na

Ourivesaria do *BARATEIRO PIMENTA.* Rua da Palma, 2

Procedo sempre assim nos ultimos anos

nas ocasiões em que é maior o perigo de contágio, distribuo Panflavina entre os meus empregados.
Tem-me valido sempre a pena fazer esta pequena despeza.

As pastilhas de

Panflavina

BAYER

evitam os contagios, as inflamações de garganta e as constipações.

A caixa de 30 pastilhas vende-se em qualquer farmacia por Esc. 13$00

Carreiras de Camionetes da C. P.

entre Lisboa e Portimão, via Barreiro, Alcacer do Sal, S. Tiago do Cacem, Odemira.

PARTIDAS DE PORTIMÃO		PARTIDAS DE BARREIRO	
Partidas de Portimão	8,15	Partidas de Lisboa T. P.	7,35
» » Lagos	9,00	» » Barreiro	8,15
» » Bensafrim	9,20	» » Moita	8,30
» » Aljezur	9,55	» » Palmela	8,50
» » Odeceixe	10,20	» » Setubal	9,10
» » Odemira	11,05	» » Aguas de Moura	9,50
» » S. Luiz	11,30	» » Alcacer do Sal	10,45
» » Cercal do Alentejo	11,50	» » Grandola	11,25
» » S. T. Cacem (almoço)	13,25	» » S. T. Cacem (almoço)	12,55
» » Grandola	14,20	» » Cercal do Alentejo	13,55
» » Alcacer do Sal	15,00	» » S. Luiz	14,10
» » Aguas de Moura	15,45	» » Odemira	14,40
» » Setubal	16,30	» » Odeceixe	15,20
» » Palmela	16,45	» » Aljezur	15,45
» » Moita	17,05	» » Bensafrim	16,20
Chegada a Barreiro	17,20	» » Lagos	16,45
» » Lisboa T. P.	18,00	Chegada a Portimão	17,25

SERVIÇO RAPIDO E CONFORTAVEL

Embarque e desembarque nas Estações do Terreiro do Paço e Barreiro'Mar

O trajecto pela via fluvial é feito pelos magnificos barcos da C. P.

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr. Victor Chaskelmann & C.ª
Rua da Palma, 268 - Lisboa

MOSAICOS
e
Azulejos
GUARMON & C.ª
T. Corpo Santo, 17 e 21
Lisboa—Telef. 2 1059

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Brindes Uteis

Raposas argentées — Malinhas para senhoras

CARTEIRAS PARA HOMENS

As mais recentes novidades

CASA DA SIBERIA

Rua Augusta, 254 (esquina de Santa Justa)

perfumes!

Para se produzirem bons perfumes, essencias que se adaptem ao temperamento e tendencias esteticas de cada mulher, o perfumista teve que conjugar os seus esforços de molde a obter para o da perfume uma caracteristica especial.

O valor de um bom perfume está na sua maneira de ser quente, penetrante, delicado, ou de uma frescura graciosa e florida.

Dos nossos perfumes cuidadosamente estudados, uns mais tenazes como o MYSTIK, outros mais doces como o MONBIJOU, mais profundos ou mais suaves como esse encantador BRISE D'AMOUR, foram banidos os aromas frios, sêcos ou amargos, que tornam alguns perfumes insuportaveis. Não. Cada um dos nossos perfumes tem aquela subtileza precisa onde se adivinham emanações de estranhas flôres, como no perfume MYLA, aromas por vezes indifiniveis como que envolvendo os corpos de sedas raras e invisiveis, «um qualquer coisa que anda no ar», um nada feito de mil nadas que, como no perfume MISTERIOSO, se exala sem se saber de onde, que atrai sem se saber porquê.

V. Ex.ª já experimentou os perfumes da Academia Scientifica de Belleza?

Av. da Liberdade, 35, Lisboa
Telefone 2 1866

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

defendam-se da

TOSSE com diacol

Na GRIPE (influenza), BRONQUITES, CATARROS, Asma e sempre que haja tosse

em toda a parte peçam **PONCHE REI DE SIAM**

STOPSTARA

é o que ha de melhor, para fixar vidros em grades de ferro!

Não racha, não escorre, não enruga, não descasca, nem se desagrega.

Peça **STOPSTARA** ao seu vidraceiro.

Importador:

Antonio Augusto Pedrosa

R. do Arco ao Cego, 36-1.º D.º
Telefone 4 1[illegible]

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

ANUNCIO

ASSEMBLÉA GERAL ORDINARIA

E' convocada a Assembléa Geral Ordinaria para o dia 29 do corrente mês, pelas 15 horas, na sede da Companhia, Avenida da Liberdade, n.º 18, 3.º, Esquerdo, para apresentação do Relatorio e Contas referentes ao exercicio do ano de 1937, nos termos estatutarios.

Lisboa, 12 de abril de 1938.

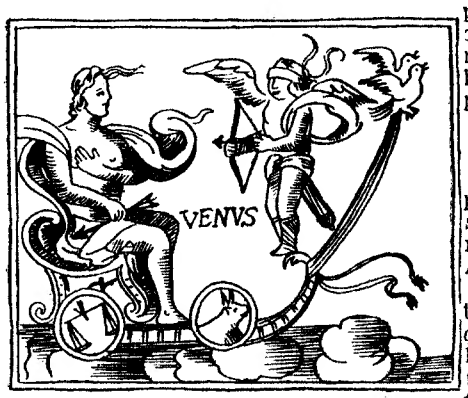
O presidente da Mesa da Assembléa Geral,
Joaquim Antunes Leitão

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

28 DE JANEIRO DE 1522

Lua, Venus e Camões



Representação do planeta Venus nos livros de astrologia do sec. XVI; v. g. Report. *de V. Fernandes;* Report. *de A. do Avelar*

O céu é um relogio, com ponteiros de horas, de minutos e de segundos. Os ponteiros são os planetas e o mostrador o zodiaco. O mostrador está dividido em 360°, ou em doze «signos», de 30°, cada. Enquanto Saturno dá uma volta ao quadrante em 30 anos, dá o Sol 30 voltas; e enquanto o Sol dá uma volta, dá a Lua 12. O Sol dá essa volta num ano completo, ou seja, em 365 dias. Anda um grau por dia.

Os ponteiros mais velozes determinam mais perfeitamente o momento. Assim, a Lua define o dia com exactidão.

Se se disser que certa pessoa nasceu quando Saturno em conjunção com o Sol (estes dois ponteiros juntos), o dia não ficará por isso determinado, mas sim entrando na conjunção a Lua; pois que, enquanto a conjunção Saturno-Sol pode, astrologicamente durar alguns dias — a conjunção Saturno-Sol-Lua durará um dia apenas, em vista da Lua se deslocar 13° por dia e a essa distancia já se não considerar conjunta. E foi o que se deu com a determinação da data do nascimento de Camões, em que a conjunção contava quatro elementos, ou ponteiros: Saturno—Sol—Marte—Lua.

Quatro elementos já ajustam perfeitamente um ponto. Isto é tão intuitivo que nem seria necessario ensiná-lo.

Para o ajustamento da hora conta-se com outro elemento fora das conjunções: a posição de Venus no horizonte horizontal. Pois que, uma vez sabido o dia, sabe-se a hora do nascimento do Sol nêsse dia, e, conhecendo a distancia, em graus, a que o planeta Venus se encontrava do Sol, facil será saber a que horas, sôbre o horizonte, se encontrava o dito planeta.

Como a hora do nascimento do Poeta coincidiu com a do planeta Venus, nêsse dia, (adiante se demonstrará), facil será saber aquela. E não é preciso mais engenho nem mais aparato. A astrologia necessaria para isto aprende-se em dez minutos.

Façamos o transporte dos elementos apurados já, nas lições anteriores:

I—*Saturno* em Capricornio, ou Aquario.

II—*Sol* em Aquario.

III—*Marte* e *Sol* em conjunção com Saturno.

—A que ocasião (ano, mês e dia) corresponde no Universo tal posição astral? A astrologia já poderia responder, e a data estava achada, desde que se dissesse que a deveria cair num espaço de tempo compativel com a data provavel do nascimento do Poeta (1.º quartel do seculo XVI). Mas juntemos mais algum elemento antes de formularmos a nossa consulta. Saibamos a posição da Lua.

Conjunção Lua-Saturno

Além das alusões á Lua, com este explicito nome, usou Camões de expressões equivalentes—como Lucina, Diana, Dafne, Asas-do-Amor, Radiação do Amor, etc.

Tais expressões eram de sentido astrologico, tambem. «Chama-se a Lua *quasi* (como) *Lucina*, porque ela com lume alheio resplandece, porque a toma do Sol e a ministra em corpos inferiores». (V. Fernandes, *Repertorio*, ed. 1563). E ainda, P. Antonio Teixeira *Epitome:* «Lua é a via porque se comunicam ás criaturas os fluxos dos planetas» (ed. 1670, pag. 72).

A Lua é, enfim, o espelho, não apenas do Sol, mas de todos os planetas, e das suas influições, boas e más.

Aludindo a ela, diz Camões na ode «Detem um pouco, musa»:

... o que na alma retrata
Amor, por teu *divino*

Raio por que endoudeço e desatino.

De si proprio diz Camões, na «Carta a uma dama»:

Vi *Amor* que me dizia:
Escreve que eu notarei
.....
Das *Asas* tirou a pena
Com que me fez escrever.
E, logo, como a tirou,
Me disse: *aviva os espritos;*
Que pois em teu favor sou,
Esta pena que te dou
Fará voar teus escritos.

A *avivação do espirito* é a inspiração poetica. O Sol é o influidor dos poetas, sob a forma de amor através dos raios lunaticos. Por isso, a Lua é denominada *Asas do Amor.*

A égloga «Arde por Galatéa», a mais formosa de quantas o Poeta escreveu, é pessoalissima.

O Poeta é o pescador Sereno, forçado de Saturno:

Arde por Galatêa, branca e loura,
Sereno, pescador *pobre*, forçado
Duma Estrela que quere á mingua morra.

Saturno é, como já ficou demonstrado, a Estrela que quere que se morra á mingua.

Os outros pescadores têm lançado
No Tejo as rêdes... ele só fazia
Este queixume ao vento, descuidado:

Descuidado da vida, fazendo versos, errante pelo mundo, enquanto os seus amigos arranjavam boas colocações na Metropole. Senhor, sómente, da sua alma e do seu Sonho propõe trocar aquela por uma só volta de olhos da sua amada. Mas...

Se muito te parece, e *minha Estrela*
Não consentir ventura tão ditosa,
Dou-te as *Asas do Amor perdidas nela.*

Sabemos que a sua Estrela é Saturno, e que Asas-do-Amor é a Lua. O Poeta refere-se á conjunção Saturno-Lua que houvera na ocasião do seu nascimento, donde ressalta, segundo os astrologos, a infilicitação do raio lunar Saturno é a *Infirtuna Maior*, e a Lua torna-se, então, «infortuna» em conjunção com tal planeta. Todavia, a inditosidade para o Poeta, não excluía a imortalidade [illegible] sua inspiração, e o facto de poder ser ela a maior riqueza a oferecer á sua amada:

Que mais te posso dar, ninfa formosa,
Inda que o mar de aljôfar me cobrira
Toda esta *praia* lêda e graciosa...

Não era de pouca monta o que oferecia! A «praia» lêda é o proprio papel em que escreve, e em que metrifica, qual compassado remo:

Se ao som do remo que a agua vai ferindo,
Perante a Lua o mar cuidado canto,
os maviosos delfins me estão ouvindo...

Fala nas delicadas conchas, que são os seus versos, ajudado, a escolhe-las, pelo Amor, e matisadas pelo Sol, etc.

No soneto «Vi queixosos de Amor», traduz a mesma posição da Lua na sua «fortuna»—que já sabemos ser Saturno:

.....
No «Amor», que é composto de tristeza,
Na «Fortuna», que acheis mais agradavel...
Nela e nele achei sempre a mesma Lua...

Sempre, pela vida fora, lhe ficou a Lua do seu nascimento, em Saturno.

Compare-se, com:

Se muito te parece, e *minha Estrela*
.....
Dou-te as [illegible]sas-do-Amor perdidas *nela.*

E', pois, sua Estrela, como se disse, a indutora da tristeza, a apartadora da alegria; e *nela* ficou, para sempre, infilicitada a Lua do Poeta:

Chamo dura e cruel a *dura Estrela*
que me aparta de vós, minha alegria;
Mil vezes maldizendo a *Lua e o dia*
Que foi duro principio a tal querela.

Temos, pois, mais uma condição a acrescentar á consulta:

IV—*Lua* em conjunção com Saturno.

Conjunção Lua-Sol

Estando a Lua em conjunção com Saturno, estava, *ipso facto*, em conjunção com o Sol, pois que este se encontrava com Saturno—segundo ficou demonstrado no artigo anterior. E estando conjunta com o Sol, era, portanto, Lua Nova. Nada mais é preciso para se assentar em definitivo nesta verdade, mas... as confirmações nunca são demais.

Nos queixumes á Lua (ode «Detem um pouco, musa», acrescenta:

Triste de mim! que alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem já ergueu a mão para matar-me
Como a cruel inimigo?...
Mas eu meu Fado sigo...

Seguia o seu Fado dos queixumes.

Colocando aquele verso, sublinhado, no seu campo natural, deduz-se que, de qualquer modo, a Lua infelicitou o Poeta. Se se souber que a expressão «erguer-se a Lua» corresponde a uma realidade astrologica, ficará penetrado o

(Ver continuação na pagina seguinte)

O busto do Infante na sua escala definitiva, obra de Leopoldo de Almeida que pertence ao projecto premiado em primeiro lugar

No Hotel Druot, em Paris, celebrizado pelas suas almoedas, foi agora vendido um exemplar de «La Jeune Parque», de Paul Valery, que tinha apenso uma interessante carta do autor a Pierre Louys.

Paul Valery critica, vivamente, o autor de «Chansons de Bilitis» por se entregar ao ocultismo. Um periodo dessa carta:

«Je voudrais de tout mon vouloir que tu supprimes de ton attention tout ce que ressemble à des télépathies, à des prémonitions, tout ce qui te porte à fourrer ton doigt dans la Bible quand il serait si simple de le mettre ailleurs. Pourquoi dans la Bible? Pourquoi pas dans une grammaire? Dans la cote de la Bourse? Et enfin, qu'est-ce que l'on peut tirer de ces expériences? Je te supplie de les mettre de côté, ce qui ne se réduit pas à cesser de m'en parler. Ce ne serait pas suffisant. Bien au contraire!».

■

Já nos referimos, neste Suplemento Literario, ao numero especial sobre Portugal, editado em França pela «Revista de Literatura Comparada». Eis o seu sumario: Izabel de Portugal, duquesa de Borgonha e condessa de Flandres, por G. Looten; O cosmopolitismo de Damião de Gois, de Bataillon; Esquisso duma historia tragica de Portugal, diante da opinião publica do seculo XVIII, por P. Hazard; Rafael Bluteau, do dr. Hernani Cidade; Filinto Elisio, tradutor de Chateaubriand, de G. Le Gentil; Edgar Quinet e Portugal, de Aquarone; O folhetim da Revolução de setembro, na epoca da «questão de Coimbra», de P. Hourcade. O volume é completado com documentos e notas, cronicas e criticas, tudo referente á literatura portuguesa, de autores nacionais e estrangeiros.

■

Foi vendido em Londres, no dia 8 de abril, um busto em marmore de Rosseau, o unico executado durante a vida do filosofo. E' uma obra de Jean Baptiste Lemoyne, que data de 1765, feita a pedido de David Hume que era, então, secretario da embaixada britanica em Paris. Quando este acompanhou o filosofo, em janeiro de 1766, a Inglaterra, o busto ficou, provavelmente, no «atelier» do artista, passando mais tarde para a posse do abade Terray. Vendido por 750 libras em 1779, não se soube dele durante dois seculos, tendo sido só ha pouco encontrado em casa dum coleccionador, de cujo nome se guarda segredo.

O busto repousa sobre um pedestal, no qual se lê uma inscrição redigida por Jean François Ducés.

■

Maximo Gorki, que nasceu em 28 de março de 1868 contava agora 70 anos, se não tivesse sido assassinado por Yagoda, como afirma a Imprensa russa. A «Pravda» publicou quando do aniversario do grande escritor, uma nota interessante sobre a tiragem das suas obras. Durante os ultimos vinte anos foram editados 1.083 livros e brochuras de Gorki, com uma tiragem global de 36.923.000 exemplares. Existem traduções das suas obras em 58 linguas diferentes, representando as edições em russo 33 milhões de volumes.

Se a estatistica é exacta, Gorki bate o «récord» mundial dos escritores.

No XX aniversario do NOVE DE ABRIL

Soldado português! Teu peito é um brasão,
Onde a gloria ilumina um feito colossal;
Combateste na França, ao lado dêsse irmão
Que dorme na Batalha — O TEMPLO NACIONAL!

E quem há de, soldado heroi, querer-te mal!
Quem será que te nega um bocado de pão?!
Ninguem! Porque tu deste ao nosso Portugal
Tudo o que melhor tem p'ra dar o coração!

Lutaste com bravura e, a sorrir, venceste!
E com teu nobre sangue, heroi, tu bem fizeste
Um dos trechos melhor's da nossa velha história;

Mas... «O NOVE DE ABRIL» gravou bem no teu rosto
As garras da tortura e dum forte desgosto,
— O EMBLEMA DA DOR! — O PREMIO DA VITORIA! —

TOMAZ CIRIACO

?

Uma tragedia enorme, incompreendida,
Mais profunda que o abismo dalguns mares,
Invadiu a minh'alma e toma os ares
Duma vida desfeita noutra vida.

Lá na luz dos teus olhos singulares,
De natureza triste e diluida,
A beleza duma esperança já perdida
Tem a magia branca dos luares.

Se este amor não morreu, não tem ventura.
Terá de prosseguir na senda escura
Do castelo em ruinas, onde habito.

No sonho irreparável do inconsciente
Eu hei-de procurar-te eternamente
Oh visão misteriosa do infinito!

Tanger, 17-3-1938.

JOSÉ DE ESAGUY

«Rehabilitação». Não é uma novela ligeira, de vaga contextura, mas um verdadeiro romance, de grandes sentimentos e de dramaticas imagens, que vai apaixonar o publico. Guedes de Amorim, que é um escritor, cujos nervos vibram constantemente, em emoção dolorosa, deu-nos uma obra de sabor moderno, como que um filme, onde a rapidez fulgurante da acção não faz esquecer o desenho dos caracteres, nem o que ha de raro e sensorial nos ambientes cosmopolitas. «Rehabilitação» tem o toque da verdade directa. As paginas são devoradas pela curiosidade do leitor, que só respira quando chega ao fim, de tal maneira Guedes de Amorim—é um escritor que interessa e subjuga. Colecção Amarela, da Livraria Civilização.

■

Manuela Porto, interprete da moderna poesia portuguesa, dirá no proximo sabado, 16, na Casa das Beiras, o celebre poema de Alvaro de Campos (heterónimo de Fernando Pessoa) a «Ode Maritima». Para que se possa medir o alcance desta interpretaão basta dizer que a «Ode Maritima» é dos poemas mais representativos da poesia moderna portuguesa e se compõe de mais de mil versos. Manuela Porto, dentro de uma escrupulosissima interpretação do texto, fez deste fresco maritimo um verdadeiro quadro cenico.

A «Ode Maritima» será precedida de algumas palavras de João Gaspar Simões.

Lua, Venus e Camões

(Continuação da pagina anterior)

sentido. Ergue-se a Lua era ela ultrapassar a longitude do Sol, passando adiante dele, e entrando na fase do Crescente.

No sec. XVI os astrologos consideravam, apenas, duas fases: a do Crescente, da Lua Nova á Lua Cheia, e a do Minguante, da Lua Cheia á Lua Nova. Cada uma durava 14 dias. (Repertorios e Lunarios daquele época). Sabendo-se mais que os astrologos prognosticavam grandes males para os que nasciam na ocasião da Lua Nova (conjunção Sol-Lua), então se perceberá a expressão «ergueu a mão para matar-me».

A Lua, invisivel na conjunção com o Sol logo no dia seguinte se começa a revelar, e com as pontas viradas para cima, á maneira duma mão enconchada. E' a imagem «A quem já ergueu a mão». Até aí enconchava para baixo.

Confirmada a Lua Nova, acrescentemos:

V—*Lua* em conjunção com o Sol.

Venus, Estrela da manhã

Venus, no Ascendente, marca a hora do nascimento do Poeta. Os horóscopos fazem-se, principalmente, pelo conhecimento da hora; e, daí, o inferir-se, de um horóscopo, mais facilmente esta que a propria data.

Ordenaram as *Estrelas Infortunadas* (Sol, Marte e Lua, juntas á Infortuna Maior, Saturno) que Venus se adiantasse no horizonte, e, surgindo primeiro que todas, ferisse de *Amor* o Poeta no berço, instituindo-o «caracter amoroso».

Os astros que marcam o *caracter* da pessoa são os que estão no horizonte oriental na hora do nacimento; os que estão nas outras partes do céu marcam os sucessos da vida. Assim o ensinam os astrólogos.

«Amôr», segundo os antigos, era a propria emanação de Venus, o seu influxo astrologico. Assim, por o *menino cego*, e frecheiro, representavam os livros da astrologia o planeta Venus (vidé figura).

Ordenaram as Infortunadas Estrelas que o «menino cego» se apressasse a predestinar o Poeta, a formar-lhe o «caracter»:

Quando vim da materna sepultura,
De novo, ao mundo, logo me fizeram
Estrelas Infelices obrigado;
.....
E, para que o tormento, conformado
me déssem co'a idade, quando abrisse
Inda, menino, os olhos, brandamente,
mandam que, diligente
um *menino sem olhos* me ferisse.

Não iremos acreditar que Camões fôra subitamente tocado de paixão amorosa, por alguem, no proprio dia em que nasceu... mas sim que, segundo os preceitos astrologicos foi desde esse dia predestinado para o amor. Dizem os astrologos que o signo e o planeta sôbre os quais se projecta o horizonte oriental, são os definidores e fornecedores do caracter; os outros, noutras posições, marcam os acontecimentos da vida, após a infancia.

Com o movimento de rotação da Terra, em torno do eixo, o oriente vai baixando ao longo dos signos, e em 24 horas percorreu-os todos; e, assim, temos a impressão de que, cada duas horas, se ergue um signo no horizonte oriental. Aquele signo em que o horizonte se projecta chama-se do *Ascendente*. Ele, e o planeta mais importante nele contido, são os que marcam o *caracter*, regem a infancia, e assinalam o limite da idade. Diz-se que dominam a *Casa I* do Ceu: esta se considera o primeiro sector de 30º abaixo do horisonte: é solidaria com este no seu deslocamento. E' a Casa I ou *Ascendente*. Para Camões dominava Venus esta *Casa I*. As outras casas são sectores de 30º a seguir a esta, e todas giram com a Terra; cada uma recebe o influxo do signo e planeta que lhe fica na frente. A primeira marca o caracter as outras os sucessos. O *Thesouro*, de Cardoso, (ed. 1611) trás umas quintilhas mnemonicas:

Por *primeira* conhecida,
Cardinal ou Ascendente,
Prognostica ao nascente
Breve ou comprida vida,
Voz, cabeça, rosto e mente.

A *segunda* Casa sou
E sucedo a Cardinal,
De prognostico geral,
Ganhos ou pobresas dou, etc.

Estando Venus na Casa I, será amoroso o «caracter» da pessoa; se Jupiter, autoritario; se Marte, marcial, etc. Camões confessou-se *instituido* em amoroso, no acto do nascimento: enfim consagrado ao *moço cego;* (ode «Aquele moço cego»):

Pois logo, quem, culpado
Será, se de pequeno oferecido
Foi todo a seu cuidado,
No berço instituido
A não poder deixar de ser ferido?
Quem, logo, *fraco infante,*
D'outro mais poderoso foi sujeito,
E, para cego amante
Desde o principio feito
Com lagrimas banhando o tenro peito?

E ainda:

Destarte o coração que livre estava
Posto que, já de longe, destinado

Logo, Venus, estava á parte oriental, alojado no signo em que se projectava o horizonte. Venus dominava o signo, e este dominava a Casa I.

Venus nunca se afasta do Sol mais de 45º (o maximo). Portanto, estava o Sol tambem á parte oriental e, logo, *era manhã.* E não só era manhã, como nascia Venus primeiro que o Sol, pois que este, com todos os planetas conjuntos ordenaram que *diligente* Venus se adiantasse a instituir o caracter amoroso.

Mais outra condição, portanto:

VI—*Venus,* Estrela da Manhã.

A relação entre *Venus* e o *Amor* marca-se no soneto de Camões:

Los que bivis subjectos á la *Estrela*
De Venus, cujo hijo *Amor* se llama...

A Casa I, como se viu marca tambem o limite de idade; por isso escreveu:

E, para que o tormento, conformado
Me dessem co'a idade, quando abrisse...

E na mesma canção («Vinde cá») marca a impossibilidade de ir contra a predestinação do limite de idade:

Nascer para viver. E para a vida
Faltar-me o que a Vida tem para ela!
E não poder perdê-la,
Estando tantas vezes, já perdida...

MARIO SÁA

Dez minutos com

Barros Ferreira

Após uma série de trabalhos editados no Brasil: «A cidade do Deus amarelo», «Semeadores da Virtude», «Lendas da Peninsula», contos e novelas, e «O Gigante da Fama» e «Caçador sem medo», contos infantis,—Barros Ferreira, regressado a Portugal e instalado nas ribas do Douro, lançou agora um romance retintamente português: «Maria dos Tojos», que a critica já começou a saudar com o merecido apreço e que vem definitivamente colocar o seu autor na escassa galeria dos romancistas portugueses.

Regressou á patria quem dela andou longos anos ausente, afirmando notavel nome de jornalista nas colunas dos mais categorizados jornais do Rio e de S. Paulo. Pelo Brasil e Portugal, em edições dessa admiravel casa editora que é a Companhia Melhoramentos de S. Paulo, ou em edições dos grandes livreiros pertuenses, espalhou adaptações ou traduções perfeitissimas de obras de Dickens, Walter Scott, Balzac, Cervantes ,etc. Tudo indicava que ao aparecer nos escaparates de Lisboa oprimeiro romance de tão infatigavel trabalhador das letras, o interrogassemos sobre os seus processos de trabalho, projectos e predilecções.

—Como escreve?

—A' maquina, devido a habito antigo, quando trabalhava no Brasil num jornal que dava quatro edições diarias. A's vezes, com acontecimentos de maior interesse publico, iam-me tirando do rolo as poucas linhas que havia escrito, para que descessem imediatamente á tipografia e a edição saisse na sua hora. Daí o escrever nos escaparates de Lisboa o primeiro rolo fio do pensamento... Por isso acho que a maquina de escrever, conquanto não permita uma concentração tão suave como a pena, proporciona a vantagem de acompanhar a evolução rapida do pensamento sem o risco de se ter que parar em meio da frase, como o forasteiro que se detem em meio da rua e pregunta a si mesmo: onde estou?

—Que autores prefere?

—Em filosofia, São Tomaz, que baptizou a filosofia aristotélica tornando-a cristã. A minha preparação mental foi moldada na Suma Teologica cujos raciocinios são como degraus do pensamento, com largos patamares para a meditação. Em literatura, aprecio, sobretudo, as obras em que se debate um tema com arte e com acção, que sejam uma especie de pelicula mostrando-nos o meio e a alma, não subordinando integralmente a ultima ao primeiro, mas revelando a influencia do ambiente sobre os caracteres que lutam pela obtenção do bem, desse bem que São Tomaz definia como «aquilo que todos desejam».

«Não tenho, no entanto, estreiteza de espirito nesses julgamentos. Admiro Malraux, mas aprecio mais a obra benefica duma Selma Lagerlof ou dum Wilder. Mais ainda «Grand Meaulnes», de Alain Fournier, livro tão perfeito que foram precisos vinte e cinco anos para que o compreendessem e lhe prestassem justiça. Obra maravilhosa que traduz a inquietação dum cerebro que procura a felicidade no mundo sem nunca a encontrar no sentimento e faz do protagonista, em seus anseios, uma figura eterna.

—Projectos?

—Sim. tenho um projecto, que estou a concluir... Trata-se dum livro que personificará duas concepções diferentes da vida, sem meio termo: a espiritual e a materialista, livro em que girarão, lado a lado, dois mundos inteiramente diferentes, gravitando em torno do mesmo sol que para uns é luz e para outros sombra... Os personagens obedecem ás suas convicções, enquanto a vida continua com o ritmo fecundo, indiferente ás opiniões dos homens, alimentada pelo anseio de eternidade que rege a conservação das especies.

«REVELAÇÕES»

O DESEJADO

...No amplo gabinete, em que o conforto se alliana ao requintado gosto da mais equilibrada riqueza decorativa, Sebastião, de pé, contava a sua ultima aventura. Após estirados meses de ausencia, longe do convivio dos camaradas, perdido no misterio que sempre envolvia o irrequieto deambular desse estranho nomada hipercivilizado, regressara a Paris, ao seu querido *Quartier*, e era novamente no inolvidavel e alegre *appartement*, tão conhecido dos intimos, com largas janelas abrindo para o Luxemburgo, que nós lhe ouviamos, encantados a bizarra narrativa daquela movimentada viagem. As palavras saiam-lhe dos labios pontuadas de *mamices*, com um brilho inedito na expressão e certo pretexto de colorido plasticisando as imagens evocadas, no pormenor objectivo que nos desvendava o enigma das longinquas terras orientais...

A sua figura elegante de magro, acentuadamente moreno, tinha uma particular sedução e a expressiva doçura do olhar, a tonalidade harmoniosa da voz, o incisivo gesto envolvente das mãos femininas, faziam dele o mais adoravel conversador que jámais conheci.

Por vezes as linhas do rosto, denunciavam uma reserva concentrada, a intima emoção que tornava grave a sua mascara energica de beduino em que parecia transparecer ignotas tendencias atavicas de português meridional, nado e criado em plena liberdade, ao sol e á intemperie, na adusta zona moirisca do vale do Tejo, como se feito fosse da mesma terra que plasma aquela faixa calcarea do terciario lacustre.

Era numa tarde de março, nos derradeiros dias de inverno parisiense. Através das janelas a luz deliquescia na grisalha do ceu e as arvores do Luxemburgo pareciam ainda petrificadas sob o arripio do algido nordeste. Moniz Barreto contemplava, melancolico, as rotundas formas dum Budha de faiança que adormecia na cimeira dum movel, apontando o umbigo e erguendo na mão direita uma flor de lotus.

A musselina azulada do fumo dos cigarros esgarçava-se em espiraladas volutas, ascendendo naquela ambiencia de intimismo, como um incenso liturgico, até ao idolo asiatico, ninfando-o duma aureola diafana...

O meu saudoso e ilustre amigo, companheiro inigualavel dos anos vividos, tão intensamente, em terras de França, ia agora fazer-nos a grande revelação, detalhando preciosos informes, notas imprevistas, particularidades ineditas. Fôra na Alemanha, numa vetusta cidade universitaria, das mais famosas do imperio, que ele concebera o grandioso projecto: visitando um museu, tivera ensejo de se relacionar com o sabio prof. Treuffel, celebre e eminente egiptologo, que o deixara deslumbrado com os tesouros inesgotaveis da sua estupenda erudição.

Tocara na corda sensivel do moço lusiada que, de ha muito, conforme confissão sua, procurava resolver uma incognita que os livros e os mestres, não haviam, até então, conseguido esclarecer.

A influencia do sabio germanico fôra decisiva, no espirito do meu amigo. Pela mão de tão autorizado guia, preparava-se para percorrer, como um iniciado, o nono ciclo de purissimas fontes espirituais onde pudesse saciar a ardente sêde que o devorava, na inquieta ansia de saber... Herr Treuffel, havia já esmagado Sebastião com o peso colossal da sua incomensuravel ciencia, referindo o exito que viera coroar todo o esgotante labor de porfiados anos, como se poderia avaliar pela formidavel e incontestada documentação que enchia toda uma remançosa sala de estudo, severa, discreta e fria como um sepulcro: o sapientissimo cate-dratico conseguira, com um rigor algebrico, determinar, sem o desvio dum milimetro, o local em que se erguera ha milhares de anos, a famosa fortaleza de Avaris, ultimo reduto dos reis hyksos, no Delta, totalmente arrazada após a expulsão difinitiva dos invasores semitas, padrão glorioso que deveria atestar a mais culminante fase da historia do Egipto.

Treuffel reconstituira, «in loco», pedra a pedra, como o demonstravam exactissimos schemas, sem omitir o mais insignificante pormenor arquitectonico, essa arcaica obra de arte militar, depois dum prolongado estagio nos vastos campos de ruinas veneraveis. Poderá, até transportar para a Alemanha o precioso e inestimavel fragmento dum capitel lotiforme que, á custa dum paciente trabalho, desenterrara dos aluviões milotas mais profundos. E quando foram juntos examinar o papiro de Berlim, Sebastião ia tendo uma vertigem. Afundado pelo egregio sabio, verificara a parte legivel do texto e, quando já esperava atingir o seu secreto objectivo, os hieroglifos deliam-se e, por fim, apagavam-se totalmente.

Correra á Italia, com cartas de recomendação para um professor ilustre de Historia Oriental que foi, para ele, um precioso auxiliar na interpretação do papiro de Turim. Persistia a grande impossibilidade. Perscrutou a pedra de Palermo sem melhor resultado. Regressou desoladissimo. Foi pedir á inscrição trilingue de Rosette, em hieroglifos, em demotico e em grego, a chave do enigma, através das interpretações de Sacy, de Akerblão, de Young e de Champollion. Nada! O seu espirito irrequieto regressava ao texto de Berlim. Era ali que estava a solução do problema. Voltou lá. Veio radiante, como que iluminado.

Sebastião não revelara aos sabios com quem tratara, o segredo da sua missão. Sentia-se predestinado para vincar nos arraiais da Ciencia o seu nome glorioso, em letras fulgurantes que fizessem retumbar, por todos os cantos do mundo, a celebridade dominadora dum modesto sabio lusitano. Sempre o haviam encantado as cousas do Oriente.

Sebastião Pinto Barreiros, empreendera, pois, a grande peregrinação ás terras do Egipto, e dava conta, áquela roda de amigos intimos e admiradores do seu fulgurantissimo espirito, dos seus feitos gloriosos em prol da ciencia e dos povos...

Em ar de preambulo disse-nos as suas predilecções pelo estudo daquela civilização hieratica, apontando com o dedo esguio as abastecidas estantes onde reluziam, no oiro das lombadas, os tratados mais celebres da vasta bibliografia até então, dada á estampa.

Lá estavam Herodoto, o pai da Historia, Diodoro da Sicilia, Plinio o Moço e Strahão. Em edições imitativas, dum raro preciosismo, líamos os nomes consagrados de Apolloduro e de Manethon com a sua «Algyptiana». Seguiam-se o padre jesuita Kircher, Lepsius, Brugsch, Birch, habas, Champollion, Morgan, Petrie, Amelineau e tantos outros. Sebastião, perfilhava o criterio historico que atribui a origem da cultura ocidental aos elementos da civilização do oriente que para o Egipto e para a Babilonia se estenderam através dos territorios semitas da Asia ocidental. Esse influxo transmitiu-se por todo o Mediterraneo, com incidencia especial na Grecia. Daqui correu, numa assimilação prodigiosa, a reflectir-se em todo o Ocidente. Nos hebreus, colhera ele, através do livro dos Juizos e dos Reis, no tempo de Saul e de David, a sugestão dum novo ponto de vista que se lhe afigurava propicio a modificar *ab imis fundamentis* a velha e sédiça versão do povo eleito. Por isso as mais recentes edições da Biblia aumentavam no abundante catalogo da admiravel livraria.

Lá estavam no puro texto hebraico, no caldaico e na vulgata; e eu consegui descobrir, num dos *rayons*, um texto slavo, com o evangelho apocrifo de S. Pedro, adquirido num mosteiro ortodoxo, nos confins da Russia, por intervenção dum *pope* venal.

Sebastião cobrira as margens dessas paginas curiosissimas de notas sabias e, como apenso, colára á parte posterior do indice uma copia fiel da Encliica *Providentissimus Deus* que refuta e condena os ataques dirigidos contra a integridade da Sagrada Escritura. Tive tambem a rara felicidade de ler a bizarra exposição do dr. John Lightfoot, da Universidade de Cambridge, que, após um trabalho de quinze anos, conseguiu reconstituir a certidão de idade de Adão, que foi criado no ano 4004 antes de J. C. no dia 23 de outubro, ás 9 horas da manhã!...

Sebastião, sem se despedir dos amigos, fizera as malas e, munido dum livro de cheques, partiu num vapor das *Messageries*. A' passagem do estreito de Messina o mar batia o navio com a vaga alterosa de autentica borrasca. As ventanias do Adriatico obrigavam os passageiros a refugiar-se nas cabines. O tempo amainou por alturas de Creta e quando pôs pé em terra, Sebastião procurou, primeiro que tudo, confirmar, no detido exame de certo arquivo, dele conhecido, que comprovava uma tese defendida *á ratione*, dando como certas as origens do cristianismo em Alexandria, com mais fortes razões historicas e religiosas que as que fundamentavam as suas raizes em Jerusalem, em Antiochia ou em Roma.

Não esqueceu tirar a claro a certeza que foi encontrar noutro seguro *dossier* ácêrca de Isis e Osiris, verdadeiros deuses do Delta como Set fôra o *totem* da mais poderosa tribu da região. Copiou algumas passagens do poema de Pentaur e sem mais perda de tempo marchou á busca da pobre suprema. A viagem ao alto Egipto foi longa e acidentada.

Até á catarata de Assuan todo o seu extenuante trabalho redundou em pura perda. Levava na carteira a copia fiel do texto fatidico, obcecante sugestão que o animava em tão simpatica como teimosa campanha. Percorreu todos os recantos que o podiam elucidar: tumulos, baixos relêvos, inscrições murais, obeliscos pejados de simbolos cruciformes. Atravessou o Vale dos Reis, e o Nilo placido para se perder nos hipogens.

Não lhe escapara o Serapeum de Memphis, descendo aos lobregos subterraneos em que jaziam os monstruosos bois Apis. Fizera por vezes o percurso, montando um dromedario e fazendo voejar ao vento do deserto os amplos panejamentos dum imponente albornoz que comprara no Cairo a um judeu da Libia. No labirinto perdera dias inteiros a interrogar as pedras mudas. No templo de Edfu luziu-lhe no cerebro uma vaga esperança. Rapida ilusão foi essa. E uma tarde, á beira do rio sagrado na hora feerica dum poente inenarravel, sentindo por cima da cabeça o vôo dos ibis e dos pelicanos, em procura do ninho, invadiu-lhe a alma um cruel desanimo.

Numa suprema confidencia terminou:

—«Esperava ainda fazer uma ultima tentativa, no templo de Abu-Simbel. Foi a ultima. E lá ficou sepultado na treva impenetravel do passado o misterio do rei Zozer e do sumo Kerheb Deda, que viveu trezentos anos e adivinhava todos os enigmas. Anunciara ao Rei que a mulher dum sacerdote de Ra estava gravida de três filhos, dois dos quais deviam ocupar o trono real e o outro viria a ser o sumo sacerdote de Heliopolis. Passados dias Ruddedet sentiu as dores do parto, que foi felicissimo. Isis dissera, a cada um dos três infantes, duas palavras simbolicas como, no Velho Testamento, Jacob pronunciara, tambem, ao ouvido dos seus filhos. Deveria tratar-se duma profecia e eu procurava estabelecer o simile perfeito, a ligação intima que coordenasse num mesmo sentido interpretativo o significado humano dos misterios egipcio e judaico. Vinham-me á mente as referencias do Biblia acêrca da estada dos hebreus no Egipto e as relações de Judá e de Israel com os Pharaós. Seria uma das mais notaveis conquistas da ciencia da Historia, o esclarecimento decisivo duma verdade que morrerá comigo...».

Já mal nos viamos. A noite caíra suavemente e eu distinguia a silhueta do nosso amigo diluir-se na lenta escuridão que invadia o gabinete. Deixara cair os braços num supremo desalento e eu quedei-me a meditar no destino deste Sebastião ilustre que, como o outro, deixara enterrada a sua quimera nos areais de Africa, sob o mesmo ceu, á luz do mesmo sol e das mesmas funestas estrelas...

CHRISTIANO DE CARVALHO

LIVRARIA PORTUGALIA
75, R. do Carmo, — LISBOA
LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Sempre as melhores novidades de Obras
Literarias, Arte, Medicina, Historia, Direito,
Economia, tanto nacionais como estrangeiros.
Serviço rapido de encomendas para todos os países da Europa e America
Informações bibliograficas sobre todos os assuntos
Fornecimento de livros para o Continente Ilhas e Colonias
Dirijam os seus pedidos á
PORTUGALIA
75, Rua do Carmo — LISBOA — Telef. 20.971

OS LIVROS DA SEMANA

Voltemos ao romance. O tema é inesgotavel. Ha uma cousa impressionante no romance português: a quasi impossibilidade . os romancistas conciliarem na sua obra personalidade e tecnica. Vej se serei capaz de explicar-me. Antes, permita-se-me uma observação. Nada do que eu aqui escreva acêrca dos limites do romance português deve fazer supôr que eu, autor de romances, me considero liberto desses limites Pelo contrario: o meu conhecimento das minhas proprias limitações é que me ajuda a penetrar em materia tão espinhosa quanto fascinante.

O romancista tem de principiar por escolher um tema. A escolha do tema é um factor de alta importancia. Ora, para que a personalidade se não perca, o romancista deve escolher um tema em que a personalidade caiba. Isto é: não se pode escrever romances com temas estranhos ás predilecções pessoais do romancista. Eis a primeira limitação. Coadunar o tema do romance com as possibilidades de expressão da personalidade eis, parece-me, um dos mais delicados passos do romancista. E o certo é isso não parecer de grande transcendencia. Mas é. Não se pode o romancista contentar em entretecer algumas frases sobre o azul do ceu, o verde das plantas, a transparencia das aguas, ou em soltar queixumes sobre a morte de um rouxinol. Estão excluídos dos seus horizontes todas as exalações liricas indeterminadas. Quere dizer: o romancista tem de buscar na vida o tema da sua obra. Esse tema precisa de ter uma amplitude psicologica e social que abranja a analise e a observação. Quere dizer: o romancista tem de contar com que a sua sensibilidade lhe dê o sentimento intimo do tema e o seu espirito de observação, o seu desdobramento exterior. Ora acontece que muitas vezes o romancista palpita em determinado assunto possibilidades anecdoticas de romance sem ponderar se as suas sensibilidade e intuição psicologica serão capazes de lhe dar o sentido intimo desse tema. Eis o desencontro. O romancista vai ser impedido de pôr de acôrdo a sua personalidade com o tema escolhido. E isto é tanto mais frequente entre nós quanto é certo a nossa sensibilidade lirica não nos permitir, quando interrogada sobre o problema, respostas que não sejam liricas, isto é, insusceptiveis de desenvolvimento romanesco.

Não sei se me fiz compreender. Voltamos sempre ao ponto de partida: temos imaginação lirica não temos imaginação psicologica. Eis um desacôrdo fundamental.

Mas não será viavel o romance lirico? Quando encontraremos o nosso caminho nos dominios do romance? Afigura-se-me que no dia em que soubermos acordar os nossos recursos liricos com as nossas experiencias da tecnica da ficção estaremos no bom caminho. Porque não devemos esquecer que o que nos falta sobretudo é experiencia dessa tecnica. Mas que se entende por experiencia tecnica?

Evidentemente que ninguem aprende a falar uma lingua através da gramatica. Ninguem aprenderá a escrever romances através teoria. Mas para se saber qualquer lingua é preciso falá-la. Sobretudo falá-la com quem a saiba falar. Eis o que se dá com o romance: para entrar nos seus segrêdos é preciso experimentarmo-nos neles. Escrever e lêr bons romances.

Mas, note-se: o nosso problema não está propriamente em aprendermos a saber compôr romance. Isso é, talvez, secundario. De cada vez que releio Balzac sinto que o que importa a um romance não é o equilibrio da sua composição mas a justeza e a força das suas personagens: a penetração do tema pela sensibilidade criadora do romancista. Quem lê, por exemplo, *La Femme de trente ans*, não pode deixar de reparar na arbitrariedade da composição e na propria inverosimilhança de certos lances. Mas pensará, talvez, como eu pensei,, que a historia contada por Balzac nem por isso será menos verdadeira; ele apenas não no-la soube contar com a pormenorização devida. Quere dizer: a verdade do romance é indiscutivel; só é discutivel a perfeição da sua narrativa.

MARIA DOS TOJOS
romance por BARROS FERREIRA

A PORTA PROIBIDA
romance por JOAO AMARAL JUNIOR

Não é, pois, propriamente pela composição que os romances portugueses denotam pouca mestria dos romancistas: sim pela sua incapacidade de dar-nos da vida essa imagem verdadeira que ultrapassa os limites da obra material. E isso denuncia que o romancista português não encontrou ainda o ponto de conciliação entre a sua personalidade e o tema. Na sua obra não se opera a passagem do subjectivo ao objectivo.

* * *

Este romance *Maria dos Tojos* (Editora Educação Nacional, Porto, 1938), de que é autor Barros Ferreira, um estreante, ao que supômos, documenta algumas das considerações que acabamos de fazer. Não ha duvida de que o tema desta obra podia ter sido colhido na realidade. Não o foi o tema de *Madame Bovary?* Quere dizer: sente-se que lá no alto de um povoado suspenso das nuvens como é Castro Laboreiro tivesse surgido uma mulher que como esta Maria dos Tojos encarasse com o namorado e lhe dissesse: «E's capaz de matar um homem?». Na braveza de uma alma governada pelo instinto pode-se aceitar um sentimento inexoravel de vingança. Assim Maria dos Tojos poderia ter vivido longos anos á espera daquele que a trôco do seu amor vingasse o irmão assassinado. Mas para que assim fôsse necessario seria que na alma dela só desabrochassem sentimentos primarios e como tal violentos, indomaveis. O homem que a vingasse tê-la-ia: era o premio da vingança. Mas se no seu peito viesse a despontar amor por esse homem — pois nele não havia amor mas vingança—seria absolutamente indispensavel que esse amor fôsse tão violento como o sentimento de vingança. Quere dizer: Maria dos Tojos tinha de ser encarada sempre como uma natureza bravia, um ser de altitudes sensuais. Eis o que não acontece. Maria dos Tojos, depois de constranger João a matar, casa com ele e faz-se timida, vulgar. Barros Ferreira não soube aproveitar os primeiros traços dessa figura cheia de majestade e de nobreza rusticas. Diga-se tudo: Barros Ferreira não soube fazer o romance que Castro Laboreiro e a sua gente mereciam. Porquê?

Aqui voltam a ter aplicação as considerações que de principio fiz. Barros Ferreira soube procurar um motivo de estrutura romanesca. Mas seria esse motivo capaz de ser recriado pela sua sensibilidade? Qual será mesmo a sensibilidade deste escritor? Onde se pode ter ela revelado? As interrogações afluem. De facto quere-me parecer que em Portugal se vai para a arte do romance como certos realizadores para o cinema: por cupidez. Não que seja este o caso de Barros Ferreira. Mas é o de muitos escritores que em Portugal começam pelo romance. Ora para se ser romancista é preciso primeiro ser-se artista: ter uma forma particular de sensibilidade. Depois é preciso ter necessidade de resolver em termos romanescos essa sensibilidade, para parafrasearmos Ramon Fernandez. Quere isto dizer: Barros Ferreira, que conhece incontestavelmente o meio onde o seu romance se desenrola, não mostra tê-lo sentido. Pelo menos não soube arrancar dele os elementos de vitalidade romanesca que por certo contém.

Isto não quere dizer, todavia, que Barros Ferreira não revele nesta obra certas qualidades. Mas as qualidades estão quasi esmagadas pelos defeitos. Barros Ferreira, como romancista, esquece a verdade humana dos seus herois; como simples escritor, sacrifica no altar da *literatura*. Esta palavra vai em italico para se não prestar a confusões. Positivamente que um romance e literatura; não deve ser *literatura* a verdade humana que através dele se procura fixar. Isto é, o leitor deve sentir que o romancista empregou todos os seus recursos de artista para lhe fazer ver, sentir, compreender, palpar uma certa realidade. Ora Barros Ferreira dá-nos muitas vezes a impressão de nos querer pôr em contacto com uma superficie meramente verbal: por debaixo do que ele diz não se palpa a tal realidade. São exemplos disso frases como estas: «As lagrimas caíam-lhe em fluído rosario, como ave-Marias da sua desgraça» (p. 70) ou «Parou, então, com o peito opresso, o coração aos saltos. Por fora da roupa sentia-o pulsar, *como se quisesse pular-lhe para o meio do gêlo*» (p. 209). E não só no estilo. Esta falsa compreensão da arte do romance traduz-se na propria verdade romanesca. Assim, Maria dos Tojos pôde, como á vimos, transformar-se, de uma virago que era, numa indefesa mulher que um astuto cunhado brasileiro enreda numa teia tão arbitrariamente urdida como desurdida. O desfecho do romance é deveras convencional. O episodio fundamental do livro: a morte vingadora do irmão de Maria dos Tojos, que deveria ter sido naturalmente o fulcro da acção, dilui-se na arbitrariedade dos episodios subsequentes. A força do romance perde-se em episodios secundarios que o romancista se viu obrigado a associar para encher o livro. Por isso procura na parte final, com a intervenção de uma figura representativa do tipo-lugar-comum do abade virtuoso, resolver pela dialeotica o que não soube resolver pelos proprios meios locomotores do romance. A p. 231 está exposto discursivamente o que a obra não conseguiu dar-nos: que um casamento selado com sangue não podia ser feliz. O que, afinal, o romance desmente, pois tudo acaba bem: os esposos momentaneamente apartados voltam para casa, onde os aguardam os filhos e uma tranquilidade reconquistada pela intervenção ingenuamente providencial do tal abade.

Mas se as linhas gerais do romance — a verdade do caso real e humano — estão malogradas; se certos episodios secundarios são quasi inverosimeis, como a narração que a Maria dos Tojos faz ao noivo da morte do irmão, (narração que, não obstante ser apresentada pelo romancista em escorso retrospectivo, não deixa de ser um resumo das palavras dela), onde conta simultaneamente o que ocorrera ao irmão e o que se passava em casa do carabineiro; se aquele despertar de Maria na residencia do abade, no Suajo (quando ela se perdeu a dois passos de Castro), como quem desperta de um sono mais ou menos tranquilamente dormido numa boa cama, é imperdoavel; — se se não podem relevar estes graves senões: o certo é que ha no livro descrições e episodios em que Barros Ferreira se mostra capaz de ir onde nesta obra não foi. Conquanto as figuras sejam feitas de fragmentos, ha nelas reacções humanas, o dialogo por vezes tem naturalidade, a passagem do gado durante a noite através da fronteira é animada (vê-se o nevoeiro, ouve-se o mugido do boi tresmalhado), o proprio suicidio malogrado de Maria tem o seu relevo. Certas descrições da serra são felizes.

* * *

Já aqui manifestei a minha simpatia pela actividade literaria de João Amaral Junior. Quando me ocupei de *A mulher que jurou não ser minha*, creio ter feito notar que o que se me afigurava mais prejudicial a João Ameal Junior era o ele não saber ou não querer escolher um tema onde pudesse dar-nos alguma coisa da sua experiencia pessoal. Vejo que insiste. Não deve ser absolutamente indiferente a isso o facto de os seus romances serem publicados numa tal Colecção Azul, especie de conta gotas de um soluto romanceado para uso de meninas de compleição intelectual anémica. Aí vão aparecendo em catadupa as obras de um tal Veuzit, romancista francês de exportação, com que se envenena o bom gôsto e o bom senso da mulher portuguesa. Ora os leitores dessa colecção consomem indiferentemente tudo que nela se publica. Como não fixam os nomes dos autores, todos lhe servem, desde que os volumes tenham capa azul e haja um episodio amoroso bem recheado de banalidades em cada um deles.

João Amaral Junior não quere fugir á má companhia desses tais Veuzit. Eis por que nada ha a estranhar que este seu novo romance *A Porta Proïbida* seja bastante inferior ao precedente. João Amaral Junior esforça-se por arquitectar um enrêdo com um certo numero de episodios sem contar com que um romance — volto a dizê-lo — tem de ser antes de mais nada uma obra de arte. Quere dizer: tem de exprimir uma certa verdade objectiva entrevista pelas reacções e pela visão pessoal de um homem com alguma coisa a dizer sobre si mesmo ou sobre os outros homens. Como não é isto o que João Amaral Junior faz, os seus romances dão-nos a impressão das janelas fingidas nas fachadas dos predios: salvam a simetria mas não são janelas. Eis o caso de *A Porta Proïbida* (João Romano Torres & C.ª).

JOÃO GASPAR SIMÕES

A obra monumental da editoria portuguesa:

HISTORIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO

Dirigida pelos Srs. Drs. Antonio Baião, Hernani Cidade e Manuel Múrias

Direcção artistica: Luiz de Montalvor

Considerada sob o alto patrocinio do Ministerio da Educação Nacional

Sumário dos fasciculos publicados:

Introdução: Expansão, povoamento e organização internos—CAP. I: Periodo de formação territorial, pelo Dr. Rui de Azevedo.
CAP. II: Politica internacional—Politica administrativa e Politica de fomento, pelo Dr. Torquato de Sousa Soares.
CAP. III: Politica militar, pelo general Luiz A. Ferreira Martins.
CAP. IV: A crise politica de 1383, pelo Prof. Damião Peres.
CAP. V: Factores politicos, militares e espirituais que provocaram a expansão para fora da Peninsula. Condições geograficas que a facilitaram pelo Prof. Damião Peres.
1 PARTE: A Expansão em Marrocos, pelo Prof. David de Melo Lopes.

Um texto historico raras vezes atingido em obras deste genero. Uma iconografia e uma apresentação grafica incomparaveis.
A publicação desta obra, cada vez mais distinguida pelo acolhimento do publico, constitue um admiravel empreendimento cultural, e será, a futuro, um trabalho de raro valor bibliográfico.
Verifique em todas as livrarias o texto, o seu alto interesse historico, e a sumptuosidade da sua apresentação grafica.
Assine a «Historia da Expansão Portuguesa no Mundo», em todas as livrarias e na sede da «Editorial Atica», Rua das Chagas, 23 a 27, Lisboa. Telef. 2 0642.